

O JOGO NA REINVENÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS:

Exercício de paisagem na Praça da Feira do Troca da
Linha do Tiro

Elzilane Cosma da Silva Carvalho

2022

Trabalho de Conclusão de Curso

Arquitetura e Urbanismo

UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ELZILANE COSMA DA SILVA CARVALHO

**O JOGO NA REINVENÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS: Exercício de paisagem na Praça da Feira do
Troca da Linha do Tiro**

TCC apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Ana Rita Sá Carneiro Ribeiro

RECIFE
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Carvalho, Elzilane Cosma da Silva.

O jogo na reinvenção dos espaços públicos: Exercício de paisagem na Praça da Feira do Troca da Linha do Tiro / Elzilane Cosma da Silva Carvalho. - Recife, 2022.

175: il.

Orientador(a): Ana Ritá Sá Carneiro Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo - Bacharelado, 2022.

Inclui referências, apêndices.

I. Jogo. 2. Espaço público. 3. Urbanismo voltado para a escala humana. 4. Áreas de vulnerabilidade social.. I. Ribeiro, Ana Ritá Sá Carneiro. (Orientação).
II. Título.

720 CDD (22.ed.)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
Curso Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Ata de sessão pública, via remota, de apresentação e arguição do Trabalho de Curso do(a) Aluno(a):

ELZILANE COSMA DA SILVA CARVALHO

Ao 13º (décimo terceiro) dia do mês de outubro do ano de 2022, realizou-se a sessão pública online de apresentação e arguição do Trabalho de Curso intitulado “O jogo na reinvenção dos espaços públicos: Exercício de paisagem na Praça da Feira do Troca da Linha do Tiro”, de autoria do(a) aluno(a) ELZILANE COSMA DA SILVA CARVALHO, CPF: 103.658.714-27. O Comitê de Avaliação, indicado pelo Comitê do Trabalho de Curso, foi composto pelos presentes membros: Prof. Ana Rita Sá Carneiro, presidente e orientador(a) do trabalho, Prof. Ney de Brito Dantas e Prof. Onilda Gomes Bezerra, Arquitetos(as) e Urbanistas do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco e o(a) Arquiteto(a) e Urbanista Talys Napoleão Medeiros, como componente externo à Instituição. Após a apresentação e arguição, em sessão secreta, o Comitê atribuiu as seguintes notas ao(a) candidato (a): 9,0 (nove), 9,0 (nove), 9,0 (nove), ficando o(a) aluno(a) com a média final 9,0 (nove), sendo considerado(a) APROVADA. Para constar foi lavrada a presente ata, assinada pelo(a) aluno(a), pelos membros do Comitê de Avaliação e representante do Comitê de TC – Trabalho de Curso.

Recife, 13 de outubro de 2022.

Banca realizada por videoconferência

Prof. Ana Rita Sá Carneiro
Orientador(a)

Banca realizada por videoconferência

Prof. Ney de Brito Dantas
Comitê de Avaliação

Banca realizada por videoconferência

Aluno (a) ELZILANE COSMA DA SILVA CARVALHO

Banca realizada por videoconferência

Prof. Onilda Gomes Bezerra
Comitê de Avaliação

Banca realizada por videoconferência

Talys Napoleão Medeiros
Comitê de Avaliação

Representantes do Comitê do TC

Danielle de Melo Rocha
Dayse Luckwü Martins
Jaucele de Fátima Ferreira Alves de Azerêdo
Juliana Melo Pereira
Yara Cristina Labronici Baiardi

() Indicação para premiação

AGRADECIMENTOS

4

Sem uma grande rede de apoio e amor, não seria possível concluir esse trabalho. Agradeço imensamente a minha mãe, Elza, e ao meu irmão, Felipe, pelo incentivo à vida, pela escuta atenta e pelo acolhimento nos meus momentos mais difíceis. Em seguida, a minha orientadora, Ana Rita, por ter aceitado participar dessa empreitada, confiado em mim e me dado todo o apoio necessário para entregar um trabalho do qual eu me sinto muito orgulhosa. Aos meus amigos, pela paciência, cuidado e encorajamento. A Patrícia e a Melissa, pela confiança e pelos ensinamentos que se mostraram tão necessários durante todo esse processo. Ao Coletivo Massapê, por ter me dado a oportunidade de descobrir o que realmente me encanta e me motiva como profissional. Por fim, aos moradores da Linha do Tiro que contribuíram para a construção deste exercício de paisagem e me mostraram que sujeitos nunca devem parar de sonhar.

O ato de brincar é uma ação livre, iniciada, estruturada e controlada, sobretudo, por crianças e adolescentes, que contribui de maneira significativa para o seu desenvolvimento integral. Essa atividade pode ocorrer num território físico - como o espaço público -, o qual incide diretamente não apenas na qualidade da brincadeira, mas também no bem-estar daqueles grupos sociais. Contudo, atualmente, existe uma série de questões associadas aos espaços públicos, sobretudo naqueles localizados em áreas de vulnerabilidade social, que impedem o aproveitamento máximo do potencial do jogo dentro dos seus limites. Em vista disso, o presente trabalho propõe um exercício de paisagem para a Praça da Feira do Troca, localizada no bairro da Linha do Tiro, no Recife, um dos poucos espaços públicos livres potenciais do bairro, que dispõe de atributos naturais significativos, mas que, paralelamente, expõe crianças e adolescentes a uma série de condições adversas, dificultando a sua apropriação como espaço de brincar. A fim de propor um cenário no qual esse espaço público atenda as necessidades dos jovens e também esteja articulado a outros espaços livres, além da realização de pesquisas bibliográficas e estudos de caso, foram também observados in loco diversos aspectos do território e consultadas as percepções de determinados grupos sociais - crianças e adolescentes, cuidadores de crianças e adolescentes, e moradores e trabalhadores do entorno imediato. Essas informações embasaram uma intervenção urbano-paisagística que vincula as visões de futuro dos grupos sociais entrevistados às práticas sociais existentes, com o intuito de atender as demandas daqueles e a continuação das manifestações culturais atuais, bem como associar o espaço público em questão a outros territórios onde o jogo possa se desenvolver.

Palavras-chave: jogo, espaço público, urbanismo voltado para a escala humana, áreas de vulnerabilidade social.

ABSTRACT

Play is a free action especially initiated, structured, and controlled by children and adolescents, which significantly contributes to their integral development. This activity can happen in physical territories, like public spaces, which directly impact not only the quality of play, but also the well-being of those social groups. However, nowadays, there are a series of questions related to public spaces, especially those located in socially vulnerable areas, that prevent the potential of play from being explored to the fullest within their limits. Considering that, this work proposes a landscaping exercise for Feira do Troca's Square, located in Recife's neighborhood of Linha do Tiro-, one of its few potential free public spaces, which has remarkable natural attributes but, in parallel, exposes children and adolescents to a series of adverse conditions that create a barrier to its appropriation as a play space. In order to propose a scenario in which this public space meets the necessities of young people and articulates itself to other open spaces, besides bibliographical research and case studies, it was also observed in loco diverse aspects of the territory, certain social groups —children and adolescents, caregivers of children and adolescents, and local inhabitants and workers—were consulted about their perception of the place. This information underpinned an urban-landscaping intervention that links the future visions of the consulted social groups to the current social practices as a mean to meet their demands and maintain the ongoing cultural manifestations, as well as associate the study area with other territories where play can emerge.

Keywords: play, public spaces, human scale urban design, socially vulnerable areas

SUMÁRIO

Introdução

1. Espaços públicos como terreno do jogo	14
1.1 O protagonismo do espaço público no fazer urbano contemporâneo	16
1.2 A natureza do jogo	27
1.3 A contribuição do jogo para o desenvolvimento infantil	35
1.4 Entraves para o brincar livre nos espaços públicos	40
1.5 o jogo no fazer urbano contemporâneo	44
1.6 O terreno físico do jogo	49
2. A disputa pelo brincar	54
2.1 O caso da Linha do Tiro	60
2.2 Um percurso pela Praça da Feira do Troca e pelos seus arredores	74
2.2.1 Ameaças a uma infância saudável	77
2.2.2 O lugar sagrado da Linha do Tiro	84
3. Estudos de caso	91
3.1 Superkilen	94

3.2 Parque Recreativo Venecia	98
3.3 Praça da Árvore	101
3.4 Análise dos projetos	104
4. Um exercício de paisagem na Praça da Feira do Troca	107
4.1. Por um sistema de espaços públicos da bacia do rio Beberibe	109
4.2. Transformando o resíduo em potencial	112
4.3. Acompanhar o tempo da natureza	123
Uma paisagem para ser continuada	127
Referências	130
Apêndice A	139
Apêndice B	147
Apêndice C	156

INTRODUÇÃO

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.” (Galeano, 1994)

9

Na Nova Agenda Urbana, a ONU defende a imprescindibilidade de repensar a forma como construímos, gerenciamos e vivemos na cidade. Aquela entidade compreende que não existe uma solução única para a transformação urbana, logo compartilha uma série de princípios e práticas a fim de mobilizar os atores urbanos a assumirem o protagonismo de um futuro urbano compartilhado. Dentre os diversos pontos de partida possíveis, este trabalho aposta na brincadeira como instrumento capaz de favorecer a infância, a construção de comunidades e o vínculo com a natureza.

Brincar é criar mundos imaginários dentro dos quais são reelaboradas formas de vida. O impulso para essa ação surge espontaneamente dentro do próprio sujeito e o seu desenrolar possui a capacidade de afetá-lo intensamente. Quando é praticado por crianças e adolescentes, contribui de maneira positiva para o seu desenvolvimento, tornando-os mais autoconfiantes, resilientes e empáticos. O jogo pode ir tão longe a ponto de encorajá-los a agir em prol de mudanças profundas na sua realidade habitual.

Contudo, ainda que seja comprovada cientificamente a relevância do brincar para uma

infância saudável, o jogo está cada vez mais ausente no dia-a-dia daqueles atores sociais. Diante de crescentes índices de violência e criminalidade, de uma cultura de trânsito carrocentrada e de um comportamento superprotetor da sociedade, os espaços públicos, que, por excelência, são lugares de encontro e também do jogo, encontram-se cada vez mais esvaziados.

Em comunidades vulneráveis, essa escassez se torna ainda mais evidente. Geralmente, esses territórios carecem de elementos de infraestrutura básica, inclusive equipamentos de lazer como pátios, praças e parques. Diante desse cenário, os terrenos do jogo acabam sendo o limitante espaço doméstico ou os poucos espaços livres existentes, que, muitas vezes, apresentam riscos de segurança e saúde para os seus frequentadores.

Esse cenário de limitação e escassez impacta a infância de forma muito severa. O distanciamento dos espaços públicos e o uso de ambientes inadequados para o brincar enfraquecem ou até impossibilitam uma relação com o meio em que vivem. Quando essa situação se mantém por muito tempo, surge uma descrença na possibilidade da sua transformação, assim como sentimentos de autodesprezo e impotência que podem reverberar em outras esferas da sua vida.

Diante disso, ao longo dos últimos anos, a temática do brincar vem ocupando um espaço cada vez maior nas discussões das mais diversas áreas do conhecimento, incluindo

o da arquitetura e do urbanismo. Neste, estão sendo investigadas maneiras de tornar os espaços públicos existentes em áreas seguras, confortáveis e estimulantes para o pleno exercício da brincadeira. Embora haja um longo caminho a ser percorrido no Brasil, diversos órgãos públicos, organizações da sociedade civil, cuidadores de crianças e adolescentes, e outros atores têm se empenhado para efetivar o direito a brincar por meio de políticas públicas e projetos urbanos.

Dentro dessa perspectiva, o presente trabalho busca somar à discussão existente ao demonstrar, de maneira geral, a baixa oferta de espaços públicos de qualidade em áreas de vulnerabilidade social da Zona Norte do Recife, e, em especial, no bairro da Linha do Tiro, e apresentar cenários possíveis para a prática do jogo naqueles territórios, entendendo o projeto como um meio de ativação de territórios e potencialização da existência humana.

O objetivo geral do trabalho consiste no desenvolvimento de um exercício de paisagem na Praça da Feira do Troca da Linha do Tiro. Numa perspectiva macro, ela estará articulada a um sistema de espaços livres no bairro da Linha do Tiro e, numa perspectiva micro, atenderá as necessidades de lazer, recreação e convívio social de crianças e adolescentes que moram no bairro da Linha do Tiro e adjacências.

Sua narrativa se desdobra em quatro capítulos. Primeiramente, serão apresentados

os conceitos que estruturam o trabalho: espaço público, urbanismo voltado para a escala humana e jogo, com destaque maior para o último. Em seguida, discorre-se sobre as contribuições do jogo para o desenvolvimento infantil, os impedimentos e as condições para o seu pleno exercício.

No segundo capítulo, serão apresentados projetos de espaços públicos de brincar nos contextos internacional e local, que, além de ilustrarem a aplicação dos princípios discutidos no capítulo anterior, serão adotados como referência para a concepção do projeto de requalificação urbana do objeto de estudo.

Posteriormente, será apontada a ausência de espaços públicos de qualidade em áreas de vulnerabilidade social da Zona Norte do Recife, discussão que será aprofundada tomando a Praça da Feira do Troca da Linha do Tiro como objeto de estudo. Nesse mesmo capítulo, serão apresentados e analisados aspectos materiais e imateriais desse território e do seu entorno, entendidos como recortes micro e macro, respectivamente.

No quarto e último capítulo, serão elencadas diretrizes para a concepção de um sistema de áreas livres no bairro da Linha do Tiro e adjacências, e serão apresentadas diretrizes projetuais para a requalificação da Praça da Feira do Troca da Linha do Tiro.

A fim de atingir os propósitos deste trabalho, foi adotada uma série de procedimentos metodológicos. Inicialmente, no intuito de compreender os conceitos discutidos ao longo

do texto, foi realizada uma extensa revisão bibliográfica de publicações locais e internacionais, das leis municipais que regem o uso do solo e do processo de ocupação da área. Em seguida, foram adotados como estudos de caso projetos urbano-paisagísticos localizados em diversos contextos geográficos que partilhavam entre si a consonância com os conceitos que nortearam este trabalho. Juntos, a revisão bibliográfica e os estudos auxiliaram na formulação de diretrizes e parâmetros para a concepção do projeto.

Posteriormente, foi realizada uma série de visitas de campo, durante as quais foram identificados e levantados métrica e graficamente aspectos materiais e imateriais da área de estudo em diferentes horários do dia e momentos da semana. Além disso, nesses eventos, também foram aplicados questionários semiestruturados com crianças, adolescentes e adultos moradores do bairro e das adjacências, que não apenas substanciaram a compreensão da dinâmica urbana, como também informaram preferências e demandas dos atores sociais locais.

Em seguida, ocorreu a sistematização dos dados coletados, seguida da representação gráfica dos mesmos em forma de gráficos, diagramas e mapas - o que permitiu uma melhor visualização dos resultados obtidos -, e da sua análise, que revelaram a percepção das crianças, dos jovens e dos seus cuidadores acerca dos espaços públicos existentes.

1

Espaços públicos como terreno do jogo

1.1 O protagonismo dos espaços públicos no urbanismo voltado para a escala humana

Nas últimas décadas, tem-se tornado evidente o crescente distanciamento entre os cidadãos e os seus espaços públicos. Esse fenômeno atingiu o seu ápice durante os anos de 2020 e 2021, período em que a população mundial precisou se confinar no ambiente doméstico em razão da pandemia do novo coronavírus. Em contrapartida, nesse ínterim, também ficou claro o papel das relações sociais e do contato com a natureza para o bem-estar dos cidadãos. Embora possam ocorrer dentro da esfera privada, é nos espaços públicos onde as possibilidades de encontro se ampliam e as interações se multiplicam.

Dessa forma, o presente capítulo discorre sobre o conceito de espaço público, a fim de evidenciar a sua propensão a agregar pessoas. Em seguida, resgata-se o debate iniciado nos anos cinquenta sobre a sua retomada, com o intuito de demonstrar como as estratégias de reurbanização elaboradas naquele período ainda são válidas para a concepção de espaços públicos mais seguros, confortáveis e estimulantes nos dias atuais.

Segundo Sá Carneiro e Mesquita (2000, p.25), espaço livre público ou, simplesmente, espaço público é uma categoria de espaço livre, a qual abrange áreas relativamente edificadas com pouca ou nenhuma presença de elementos construídos e/ou de vegetação - como passeios, ruas e avenidas -, ou com presença efetiva de vegetação - a exemplo de jardins, praças e parques -, com funções primordiais de circulação, recreação, composição paisagística e de equilíbrio ambiental.

Sua qualidade de espaço livre público surge das classificações estabelecidas pelo regime jurídico local, o qual entende aquele como um espaço de domínio público - nacional, estadual e municipal. Além disso, ele é aberto à população em geral, sob condições estabelecidas pelo poder público, tal como pátios, praças e parques, mas também unidades de conservação, campi universitários e cemitérios.

De acordo com a autora, os espaços públicos podem ser classificados de acordo com três funções que eles podem desempenhar: equilíbrio ambiental, recreação e circulação. A primeira refere-se ao papel de determinados espaços livres de promover uma maior qualidade ambiental nas cidades, tal como as unidades de conservação; o segundo, à finalidade de apoiar o desenvolvimento de atividades recreativas, como pátios, praças e parques; enquanto o último diz respeito aos espaços livres destinados ao deslocamento de pessoas, a exemplo de vielas, ruas, avenidas e viadutos.

Além desses, existem os espaços livres potenciais, que se tratam de áreas de propriedade pública ou privada passíveis de satisfazerem alguma das funções mencionadas anteriormente. Normalmente, estes são territórios apropriados por uma parcela da população que não possui acesso a outro tipo de espaço livre e, comumente, carecem da infraestrutura necessária para que o seu uso ocorra de maneira segura, confortável e estimulante, como margens de rios e canais, campos de pelada e terrenos ociosos.

18 São nos espaços públicos onde ocorre o contato com o mundo além da realidade doméstica. Historicamente, eles são o lugar das trocas, das discussões e das celebrações. Contudo, com a modernização das cidades, que teve início em meados do século XIX e cujas práticas são adotadas até hoje, essas manifestações têm perdido o seu terreno porque a nova maneira de viver nas cidades, introvertida e desinteressada, tem tornado aqueles em lugares inseguros.

Diante de um crescente distanciamento dos espaços públicos, ao longo do tempo, um grande número de pesquisadores tem se dedicado aos estudos da vida urbana a fim de compreender o que ocasionou esse fenômeno e desenvolver estratégias para a sua reativação. Dentre as pesquisas publicadas, destacam-se as pioneiras *Morte e Vida de Grandes Cidades* (1961), *The Social Life of Small Urban Spaces* (1980) e *Cidades para Pessoas* (2010), escritas, respectivamente, por Jane Jacobs, William H. Whyte e Jan Gehl. Esses teóricos identificaram que a dimensão humana havia sido negligenciada nos processos de planejamento urbano modernos e conceberam diretrizes para que a mesma guiasse futuros processos de reurbanização.

Em 1961, em oposição àquele modelo de planejamento e aos princípios de reurbanização que derivaram dele, a jornalista e ativista americana Jane Jacobs publicou uma grande crítica sob título de *Morte e Vida de Grandes Cidades*. Nessa publicação, além de

alertar para o risco de “morte” das cidades americanas, ela propôs diretrizes para a construção de cidades mais vivas. Aquelas foram baseadas na observação das qualidades de alguns distritos identificados pela autora, onde a vida urbana era efervescente e promovia um senso de segurança.

Esses atributos relacionam-se com dois dos conceitos mais marcantes da ativista: “balé das calçadas” e “olhos da rua”. O primeiro refere-se à complexa dinâmica das ruas, que a autora assemelha a uma dança na qual os cidadãos, ao performarem suas atividades cotidianas, se tornam protagonistas. Quanto mais pessoas estiverem envolvidas nesse balé, mais “olhos” estarão na rua, inconscientemente, se responsabilizando uns pelos outros em momentos adversos e, como consequência disso, fazendo com que os outros se sintam mais seguros.

A fim de que esses eventos ocorram, é necessária uma vida urbana pulsante nas ruas, e, para isso, é preciso que estas atendam a certas condições. Um dos requisitos mais discutidos por Jacobs é a necessidade de usos principais combinados. Esses usos nada mais são que as atividades mais importantes de um determinado território. Elas devem estar associadas entre si de modo que diversos grupos sociais circulem e permaneçam nas ruas em dias e horários distintos, proporcionando, assim, uma vida urbana ativa por mais tempo e, também, uma sensação de segurança pela presença dos “olhos da rua”.

20 Contudo, para que essa estratégia seja eficaz, é preciso que os novos usos propostos não interrompam o balé existente no distrito. Logo, eles precisam reforçar a identidade local e aliar-se à diversidade de escalas, edifícios e pessoas que ali existem.

Vinte anos após *Morte e Vida de Grandes Cidades*, William H. Whyte, jornalista e escritor americano, publicou um livro intitulado *The Social Life of Urban Small Spaces*, o qual é o resultado de uma longa pesquisa focada no modo como as pessoas se apropriavam dos espaços públicos nova-iorquinos nos anos 80. Nessa publicação, Whyte defendeu a importância da vida urbana para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e da sociedade como um todo, e, baseado nas suas observações de campo, elencou maneiras de como é possível reforçar a mesma.

Logo no primeiro capítulo de seu livro, Whyte (1980, p. 22) demonstra partilhar da mesma admiração que Jane Jacobs sente pelo “balé da calçada” ao afirmar: “Whatever they mean, people’s movements are one of the great spectacles of a plaza”. Para que esse espetáculo ocorra e possa ser assistido, é preciso que a cidade ofereça condições para tal. Segundo Whyte (1980, p. 54), um aspecto crítico para a vida urbana em espaços públicos é a promoção de uma relação harmoniosa entre esses e as ruas. Assim como Jacobs, o urbanista justifica a sua afirmativa defendendo que esses dois elementos precisam se retroalimentar para que atinjam o seu potencial.

Figura 1. Still do filme
The Social Life of Ur-
ban Small Spaces.
Fonte: Soho Broad-
way Institute, 1980



Uma grande oferta de serviços, e fachadas ativas e interessantes tornam as ruas numa grande atração e agem como um estímulo externo para o contato entre desconhecidos, o que o autor chama de triangulação. Espaços públicos como pátios, praças e parques, como extensão das ruas, acabam sendo palco desse fenômeno também, e podem garantir a permanência dos seus atores se atenderem outras duas demandas que Whyte considera essenciais: espaços para sentar e contato com elementos naturais.

No que diz respeito a aqueles, eles devem ser ofertados em grande número, ser confortáveis e oferecer várias possibilidades de uso - sozinho, em pares, em grupos - em condições diversas - sol pleno ou sombra. Em relação ao clima, o urbanista afirma que a exposição solar e aos ventos, a presença de vegetação e de corpos d'água são aspectos desejáveis em espaços públicos, mas que devem ser articulados entre si a fim de sejam criados uma série de microclimas que atendam às necessidades de conforto dos seus usuários. Além de contemplar demandas de proteção térmica, esses elementos também têm a capacidade de trazer bem-estar e prazer. Logo, uma boa composição desses recursos pode ir além da satisfação de aspectos funcionais, e assumir um caráter lúdico.

Assim como Jacobs e Whyte, Jan Gehl também acredita que o maior atrativo de um lugar são as pessoas, e que o maior objetivo do planejamento urbano contemporâneo deve ser estimular o encontro entre elas. Alcançar esse propósito seria dar atenção à

Figuras 2 e 3.

Espaços públicos em Copenhague, Dinamarca. Fonte: The Dirt, 202

“dimensão humana” do planejamento urbano, o que, segundo a sua teoria, se refere a um modelo de fazer urbano em que é dado prioridade às necessidades das pessoas que utilizam as cidades.

Dentre elas, Gehl (2010) destaca o caminhar, pois é ele o ponto de partida para interações entre pessoas, e entre estas e o meio em que vivem. Contudo, para que essas atividades ocorram, é preciso que a cidade ceda “convites” aos cidadãos, que nada mais são do que estímulos físicos, espaciais e visuais para o contato e a permanência no espaço. Em seu livro, essas estratégias foram categorizadas em quatro noções de cidade: a cidade viva, a cidade segura, a cidade sustentável e a cidade saudável.

[Figura 2]**[Figura 3]**



[Figura 4]

Figura 4. Espaços públicos em Copenhague, Dinamarca. Fonte: Ursula Bach, 2018

Primeiramente, a cidade viva refere-se a um modelo de urbe que estimula o uso dos seus espaços urbanos por muitos e diversos grupos sociais. A cidade segura diz respeito a uma cidade que atrai “olhos da rua”, que, por conseguinte, é capaz de gerar uma maior sensação de segurança entre seus atores. Em seguida, a cidade sustentável é aquela condicionada pelas questões ambientais, econômicas e sociais, garantindo, assim, cidades que possam ser usufruídas por todos com o menor comprometimento possível dos recursos naturais do planeta. Por fim, a cidade saudável é desenhada de modo a fortalecer políticas públicas de saúde.

O fio que parece ligar esses conceitos é a mobilidade ativa, mais precisamente um sistema de mobilidade centrado no pedestre. É considerando as particularidades e necessidades do pedestre que é possível existir uma cidade mais viva, segura, sustentável e saudável.

Além dessa questão, Gehl (2010, p. 239) apresenta doze critérios de qualidade urbana que são abarcados por três categorias: proteção, conforto e prazer. O primeiro ponto tem a ver com a proteção contra o tráfego e acidentes, o crime e a violência, e experiências sensoriais desconfortáveis. Em seguida, conforto refere-se a necessidade de dispor nos espaços públicos a estrutura necessária para a realização de atividades cotidianas, como caminhar, pedalar, permanecer em pé, descansar, observar, ouvir, conversar e brincar.

26 Por fim, prazer diz respeito à promoção de experiências sensoriais positivas, oportunidades de aproveitar os aspectos positivos do clima e escala humana. Esta concepção baseia-se na ideia de que a cidade deve estar em consonância com o corpo humano, suas dimensões espaciais e seus sentidos, pois a experiência de conforto e bem-estar está intimamente associada ao atendimento desse ponto.

Escritos em décadas diferentes, as obras de Jacobs, Whyte e Gehl partilham entre si da percepção de que pessoas são as maiores catalisadoras de pessoas e de que o espaço urbano possui o papel de fomentar o encontro entre elas. A fim de isso ocorra, é preciso que os elementos da cidade sejam entendidos como engrenagens de um sistema, logo é necessário que eles atuem de maneira conjunta a fim de promover algumas qualidades, que, diante das teorias expostas, podem ser resumidas em segurança, conforto e estímulo.

1.2 A natureza do jogo

27
“De uma América à outra
Eu consigo passar num segundo
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo”
(TOQUINHO, 1983)

Entre as diversas atividades que podem ocorrer nos espaços públicos, está o brincar. Essa prática é comumente associada às experimentações lúdicas realizadas, sobretudo, por crianças, que possuem um papel importante para o seu desenvolvimento. Embora muito se saiba sobre as contribuições do jogo para uma infância saudável, pouco se discute a respeito da natureza do jogo. Entretanto, compreender a sua essência é primordial para elaborar maneiras de explorar todo o seu potencial. Portanto, esse capítulo pretende elucidar a noção de jogo, precisamente à luz da teoria de Johan Huizinga, um filósofo holandês que se dedicou ao tema nos anos 40.

Em seu livro intitulado *Homo Ludens*, o autor defende a ideia de que o jogo é independente de todas as outras formas de pensamento por meio das quais evidenciamos a estrutura da vida espiritual e social. Dentro dessa perspectiva, ele dispensa a hipótese de que o jogo possui uma finalidade biológica e alega que, quando o jogo é analisado sob esse viés, um dos seus aspectos mais importantes é negligenciado: o seu caráter estético.

28 Esse aspecto reside em sua tendência a assumir elementos de beleza, como a vivacidade e a graça. Contudo, a estética não é atributo inerente ao jogo, logo também não pode ser explicado a partir dos seus termos.

Posto isso, Huizinga se propõe a esclarecer quais seriam as características próprias do jogo:

“Numa tentativa de resumir as características formais do jogo, poderíamos considerá-lo uma atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras.”

Quando Huizinga declara que o jogo é uma atividade livre, ele busca sustentar a ideia de que este é um ato voluntário, que pode, a qualquer momento, ser adiado ou suspenso pelos seus participantes, ao contrário de uma tarefa, que, por sua vez, possui um caráter de obrigatoriedade. A fim de ilustrar que o jogo, de modo algum, é imposto pela necessidade física ou pelo dever moral, o filósofo holandês afirma: “As crianças e os animais brincam porque gostam de brincar, e é precisamente em tal fato que reside sua liberdade”.

Figura 5. Crianças brincando. Fonte: Território do Brincar, 2015.



[Figura 5]

[Figura 6]



Figura 6.
Brincadeiras da rua
Santa Terezinha.
Fonte: Território do
Brincar, 2015.

Outra característica destacada por Huizinga é que o jogo é uma evasão consciente da vida “habitual” e que possui orientação própria. Para exemplificar o pressuposto, o autor traz a seguinte estória: “O pai foi encontrar seu filhinho de quatro anos brincando “de trenzinho” na frente de uma fila de cadeiras. Quando foi beijá-lo, disse-lhe o menino: “Não dê beijo na máquina, papai, senão os carros não vão acreditar que é de verdade”. Além de indicar estar ciente de que os elementos da sua brincadeira e o seu pai pertencem a mundos distintos, a criança também demonstra o quanto leva o mundo do jogo a sério. Embora a brincadeira seja comumente entendida como uma oposição à seriedade, Huizinga afirma que todo jogo possui a capacidade de absorver e comprometer os seus participantes (figura 5).

O mundo do jogo acontece em terreno e tempo distintos do mundo habitual. Naquele, o terreno é um campo previamente definido, de maneira material ou imaginária, intencional ou espontânea, em cujo interior se cumprem certas regras (figura 6). O jogo perdura até que se chegue a um determinado fim, mas ele não se encerra completamente, ele reverbera no jogador como “uma criação nova do espírito, um tesouro a ser conservado pela memória”. Quando ele é transmitido para outras pessoas, torna-se tradição.

Por fim, Huizinga afirma que o jogo insere uma perfeição temporária e limitada no mundo habitual, e demanda uma ordem suprema e absoluta. Retomando a história da cri-

32 ança brincando de trenzinho, é possível perceber que a criança, ao pedir para que o não a beije, indica que o gesto seria uma desobediência às regras do jogo e, caso houvesse o descumprimento delas, o mundo temporário seria abalado ou até mesmo desmanchado. Essa relação entre o jogo e a ordem faz com o autor o associe ao campo da estética. “Há uma tendência para ser belo”, ele afirma.

A propósito, as palavras que são usadas para caracterizar elementos do jogo também podem descrever alguns dos efeitos da beleza, tal como tensão, equilíbrio, compensação, contraste, variação, solução, união e desunião. Aliás, a tensão é um componente importante do jogo. Durante ele, há a tentativa de atingir um certo fim, como ilustra Huizinga: “Uma criança estendendo a mão para um brinquedo, um gatinho brincando com um novelo, uma garotinha jogando bola, todos eles procuram conseguir alguma coisa difícil, ganhar, acabar com uma tensão”. É nessa tensão e também na solução que reside o divertimento do jogo.

Posto isso, o autor concluiu que a função do jogo pode ser definida por dois de seus aspectos fundamentais: “uma luta por alguma coisa ou a representação de alguma coisa” (figura 7). Exemplificando:

“A criança representa alguma coisa diferente, ou mais bela, ou mais nobre, ou mais perigosa do que habitualmente é. Finge ser um príncipe, um papai, uma bruxa malvada ou um tigre. A criança fica literal-

mente “transportada” de prazer, superando-se a si mesma a tal ponto que quase chega a acreditar que realmente é esta ou aquela coisa, sem contudo perder inteiramente o sentido da “realidade habitual”.

Essa não seria uma representação de uma mera realidade falsa, seria a representação de uma aparência, ou melhor, a imaginação.

Posto isso, fica evidente que o jogo é um grande exercício mental, durante o qual a imaginação e a criatividade são colocadas em ação no processo de elaboração de um mundo temporário. Pode-se ir além e afirmar que esse intervalo na vida cotidiana também pode ser uma maneira de confrontá-la. Em outras palavras, o jogo pode alimentar visões de futuro que mobilizem o sujeito a reinventar a sua realidade. É nessa capacidade de impulsionar o ser humano a criar novos cenários de vida que reside a importância do brincar e, portanto, justifica a sua discussão e sua inclusão em políticas públicas urbanas.

Essa noção de jogo, quando confrontada com o fazer urbano contemporâneo, demonstra que a maioria dos espaços públicos destinados ao brincar não a adotam como ponto de partida, já os elementos que compõem o jogo estão sendo definidos por especialistas. O jogador define as condições dos seus próprios jogos. Nesse sentido, o papel do arquiteto e do urbanista não seria orquestrar a brincadeira, mas sim garantir que os meios físicos onde a brincadeira acontece ofereçam uma grande diversidade de elementos que possam subsidiar e possibilitar que o jogo aconteça de maneira confortável e segura.

[Figura 7]



Figura 7. Boizinhos de pau santo, São Gonçalo do Rio das Pedras. Fonte: Território do Brincar, 2014.

1.3 A contribuição do jogo para o desenvolvimento infantil

35

O jogo é um dos meios pelo qual as crianças descobrem a si mesmas, estabelecem relações com o outro e interagem com o mundo. Essas interações possuem um papel relevante no seu desenvolvimento físico, emocional, intelectual, social e espiritual porque estão associadas a uma série de ações e emoções. Sua relevância é tão grande que brincar é entendido como um direito universal da criança, cuja violação pode causar um grande impacto na sua vida.

Ao brincar, as crianças desenvolvem habilidades cognitivas e motoras, e, à medida que isto ocorre, o seu senso de autoconfiança se fortalece, implicando também na sua autoestima. Considerando o conceito de jogo de Huizinga, percebe-se que a brincadeira também é um exercício da criatividade e da imaginação, uma vez que o jogo é uma criação mental das próprias crianças, ocorrido num mundo imaginário, sob regras próprias. Ademais, a experiência lúdica tem forte relação com o sentimento de bem-estar, visto que o divertimento também é um atributo da brincadeira.

Em jogos em grupo, além de desenvolverem aquelas competências, crianças e adolescentes também aprendem a respeitar regras e, como parte desse processo, compreendem a importância de considerar os desejos e as necessidades do outro, assim como as suas próprias. Não por acaso, surgem comunidades por meio do jogo, como aponta Huizinga:

“As comunidades de jogadores geralmente tendem a tornar-se permanentes, mesmo depois de acabado o jogo. É claro que nem todos os jogos de bola de gude, ou de bridge, levam à fundação de um clube. Mas a sensação de estar “separadamente juntos”, numa situação excepcional, de partilhar algo importante, afastando-se do resto do mundo e recusando as normas habituais, conserva a sua magia para além da duração de cada jogo.” (figura 8)

Figura 8. Crianças brincando em aldeia indígena. Fonte: Território do Brincar, 2014.



Figura 9. Criança brincando com toras de madeira. Fonte: Criança e Natureza, 2021.

Caso a brincadeira ocorra em espaços públicos, as crianças têm a possibilidade de explorar espaços cuja escala é mais ampla do que a do ambiente doméstico. Naquele contexto físico, crianças se propõem a desvendar o mundo de maneiras ainda não experienciadas no seu lar, o que contribui para o desenvolvimento das suas habilidades individuais. Além disso, da mesma maneira que jogos em grupo podem promover o respeito mútuo entre jogadores, o contato das crianças com a cidade pode fazer com que elas atribuam valor a esta, seus elementos naturais e seu patrimônio, e aprendam a se responsabilizar por eles (figura 9).



A contribuição do jogo para o desenvolvimento infantil é evidenciada no artigo 31 da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, publicado em 2013. Nesse dispositivo legal, o jogo assume uma definição similar àquela desenvolvida por Huizinga. Ou seja, ele é entendido como qualquer comportamento, atividade e processo iniciado, estruturado e controlado pelas crianças, que toma lugar quando e onde surgem oportunidades. Embora seja interpretado como não-essencial, o Comitê dos Direitos da Criança considera que ele é uma dimensão fundamental do divertimento da criança e um componente importante para o seu desenvolvimento físico, social, cognitivo, emocional e espiritual.

No Brasil, o direito ao brincar está presente na Constituição Federal (artigo 227), no Estatuto da Criança e do Adolescente (artigos quarto e décimo sexto) e no Marco Legal da Primeira Infância (artigos quinto e 17º), publicados nos anos de 1988, 1990 e 2016, respectivamente. No primeiro regimento, consta que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com prioridade absoluta, o direito ao lazer. Enquanto o segundo afirma que o direito à liberdade compreende, entre outros aspectos, o brincar. Por fim, o Marco Legal da Primeira Infância afirma que o brincar constitui uma das áreas prioritárias para as políticas públicas voltadas à primeira infância e que cabe ao poder público organizar e criar espaços lúdicos que propiciem a sua prática.

Em 2018, a prefeitura da cidade do Recife elaborou o seu próprio Marco Legal para a Primeira Infância, o qual foi a pedra fundamental para a formulação e implementação de políticas públicas voltadas para a primeira infância. Numa das quinze diretrizes que estruturam a legislação, consta a valorização da importância do brincar, junto a relevância dos cuidados e dos vínculos familiares e comunitários para o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância. A fim de dar materialidade a essa proposição, em 2020, foi lançado o Primeiro Plano Decenal para a Primeira Infância do Recife, em vigência até o ano de 2030. Esse plano tem como um de seus pilares o direito da criança ao espaço urbano, o que é entendido como a garantia de poder usufruir e moldar o espaço urbano.

Posto isso, a ausência do jogo na vida de crianças e adolescentes é uma evidente violação dos seus direitos, que pode trazer consequências graves para o desenvolvimento daqueles grupos sociais. A título de exemplo, nas últimas décadas, diversos estudos tem evidenciado que a interrupção ou inexistência do brincar durante a infância e a adolescência pode tornar o indivíduo mais propenso ao adoecimento físico e mental. Diante disso, é preciso agir de maneira preventiva a partir da concepção de espaços públicos adequados para as experimentações lúdicas e o estímulo a elas.

1.4 Entraves para o brincar livre nos espaços públicos

40

Embora o ato de brincar seja um direito universal, os compromissos assumidos com as crianças e os adolescentes não têm sido respeitados pela sociedade e pelo poder público. Até hoje, aqueles atores sociais não são reconhecidos como sujeitos de direito de fato, o que leva à sua exclusão nos processos de participação social que determinam seu futuro. No que diz respeito ao campo da arquitetura e do urbanismo, a invisibilização dessas pessoas resulta em desenhos de espaços públicos que não levam em consideração a dimensão dos seus corpos, o seu desejo de se relacionar com o mundo e com outras pessoas, e sua vocação criativa.

Hoje, a maioria dos espaços públicos destinados às experimentações lúdicas ainda segue uma lógica funcionalista, que se manifesta tanto no ato de isolar o jogo do resto das atividades da cidade, quanto nos brinquedos pensados para reproduzir uma determinada ação. Possivelmente, essa prática é uma herança de uma sociedade moderna que, diante do esvaziamento dos espaços públicos, passou a enxergar a rua como um ambiente a ser evitado, assim levando a concepção de espaços exclusivos para a brincadeira, onde o jogo é definido por especialistas para evitar que as crianças se arrisquem.

Segundo GILL (2007), ao longo do tempo, houve uma diminuição na liberdade das crianças. Comparando os resultados de duas pesquisas realizadas no Reino Unido nos anos de 1971 e 1990, foi revelado que, inicialmente, oito entre dez crianças com idade entre

sete a oito anos iam para a escola desacompanhados, proporção que diminuiu para um entre dez. No período da primeira pesquisa, crianças com sete anos podiam visitar amigos ou ir até lojas, mas, na segunda, foi identificado que essa atividade passou a ser restringida para crianças com dez anos ou mais. Resultados semelhantes também foram encontrados em estudos realizados na Dinamarca e nos Estados Unidos, revelando uma tendência mundial para o isolamento das crianças dos espaços públicos.

O auge desse comportamento na contemporaneidade são os playgrounds em condomínios fechados e em shopping centers, onde a brincadeira é completamente segregada dos espaços públicos, controlada e hiper vigilada por adultos. Essa conduta compromete o jogo e, conseqüentemente, o desenvolvimento infantil, já que impede as crianças e os jovens de exercerem a sua autonomia, testarem seus próprios limites e gerenciarem riscos. Segundo GILL (2007), há uma tendência para que esses sujeitos se tornem mais inseguros, individualistas e intolerantes, e, quando adultos, perpetuem essa cultura de aversão ao risco.

Outro cenário que, segundo a ONU (2013), merece atenção em particular é a escassez de espaços lúdicos, públicos ou privados, em áreas de vulnerabilidade social. Crianças e adolescentes que residem nessas regiões, frequentemente, adotam os espaços residuais da cidade como terreno do jogo. Porém, comumente, essas áreas apresentam as condições inadequadas para o ato de brincar, o que expõe aqueles grupos sociais a riscos de saúde e segurança.

A ONU (2013) entende que ambas situações apresentam entraves para a efetivação do artigo 31 da Convenção de Direitos da Criança (1989), visto que o meio físico destinado ao jogo deve ser:



Figuras 10.
Playground em shopping center.

Fonte: Folha de São Paulo, 2016.

Figuras 11. Criança brincando próximo a curso hídrico poluído.
Fonte: Trata Brasil, 2016.

“[...] livre de estresse, de exclusão social, de preconceito ou discriminação; um ambiente seguro do dano social e violência, e suficientemente livre de poluição, tráfego e outros perigos que impeçam a liberdade e a circulação seguras; disponibilidade de tempo para descanso e lazer, bem como de espaço livre do controle e gerenciamento de adultos; espaço pa brincar ao ar livre em ambientes físicos diversificados e desafiadores, com acesso a apoio de adultos, quando necessário; oportunidades para experimentar, interagir e brincar em ambientes naturais e com o mundo animal; oportunidades para investir em seu próprio espaço e tempo de modo a criar e transformar o seu mundo, usando sua imaginação e linguagem [...]”

Para reverter esse panorama, antes de tudo, é necessário reconhecer as crianças e os adolescentes como sujeitos de direito efetivamente. Isso implica em trazer esses atores para o centro do debate sobre políticas públicas urbanas a fim de que possam externar a sua percepção de mundo, as suas necessidades e os seus desejos. Junto a eles, adultos devem pleitear por espaços públicos mais seguros, confortáveis e estimulantes para todos. Da mesma forma, é preciso acreditar no potencial de autorresponsabilidade, autoaprendizado desses grupos, e apoiar o seu direito de brincar. Dessa maneira, seria possível explorar todo o potencial do brincar e promover uma infância substanciada pelas noções de cidadania ativa, construção de comunidades e vínculo ao meio ambiente.

1.5 O jogo no fazer urbano contemporâneo

44 Nos últimos anos, diversas iniciativas pautadas no valor da primeira infância para o desenvolvimento da vida adulta despontaram ao redor do mundo, informando ao resto da sociedade maneiras de incorporar crianças nos processos decisórios que versam sobre o seu próprio futuro. Essas mudanças também tem ocorrido dentro dos campos da arquitetura e do urbanismo, onde tem-se visto uma crescente atenção às necessidades daquele grupo e a sua inclusão no desenho de espaços públicos. Nesse processo, diversos atores tem dialogado entre si a fim de compartilharem experiências e somarem esforços para o desenvolvimento de instrumentos de inovação social que permitam maior expressão das crianças.

Num contexto mundial, a fundação Bernard van Leer é uma das instituições mais atuantes no fomento ao desenvolvimento da primeira infância. Sediada em Haia, na Holanda, ao longo de cinquenta anos, a entidade estabeleceu parcerias com mais de vinte países, contribuindo para a promoção, o desdobramento e o fortalecimento de políticas voltadas para o desenvolvimento pleno de crianças até os seis anos de idade. Por compreender que o espaço urbano possui um impacto direto sobre esse processo, em 2016, a fundação lançou o projeto Urban95, uma iniciativa que orienta o setor público e organizações sem fins lucrativos no processo de inclusão da perspectiva daqueles grupos e seus cuidadores no planejamento urbano.

Uma das iniciativas mais bem-sucedidas apoiadas pela fundação Bernard van Leer foi o programa Street for Kids, desenvolvido pela organização americana Global Design Cities Initiative (GDCI) em 2018, cujo objetivo é oferecer suporte técnico a municípios que desejam redesenhar a cidade de modo a atender as necessidades da primeira infância. Em 2020, ambas entidades lançaram a publicação *Desenhando Ruas para Crianças*, que propõe estratégias de desenho urbano que possibilitem o uso das ruas pelas crianças de maneira segura, confortável e estimulante.

No Brasil, uma das organizações de maior destaque é o Instituto Alana, originado na zona leste de São Paulo, em 1994, que tem como missão garantir que crianças e jovens sejam protagonistas em todos os processos de decisão que afetam a si próprias. Ao longo de quase três décadas de atuação, o instituto desenvolveu uma série de iniciativas, como o projeto *Criança e Natureza*, que busca lançar um novo olhar sobre a relação dos pequenos com a natureza. Este interpreta os recursos naturais como elementos potenciais do jogo, favorecendo a apropriação, o respeito e o cuidado pela natureza, bem como o bem-estar das crianças.

Juntos, em 2022, os institutos Bernard van Leer e Alana publicaram o guia *Parques Naturalizados: como conceber e cuidar de paisagens naturais para o brincar*, que dispõe de orientações para o desenho de espaços públicos ricos em recursos naturais. Nesta

46 publicação, ambas organizações reforçam a sua crença na natureza como ambiente fértil para o jogo e benéfico para o desenvolvimento integral de crianças e jovens.

Na cidade do Recife, algumas organizações não-governamentais e o setor público tem somado esforços para garantir que as crianças expressem suas percepções, necessidades e desejos, e reelaborem a cidade onde moram. As ONGs têm refletido e atuado sobre o território em conjunto com diversos atores sociais de modo a impulsionarem a sua participação no planejamento, uso e gestão dos espaços públicos. Enquanto o setor público, desde a instituição do Marco Legal da Primeira Infância do Recife, tem mobilizado oito secretarias executivas para formular e implementar políticas públicas para a primeira infância.

Em 2019, com o apoio da FBvL, a PCR e a Agência Recife para Inovação e Estratégia (ARIES) desenvolveram o projeto Primeira a Infância, que segue as premissas da Urban 95 e atua nos eixos de pesquisa, comunicação e intervenções urbanas. Dentre as intervenções urbanas realizadas, destaca-se o projeto Meu Bairro Brincante, no bairro do Alto de Santa Terezinha, coordenado pelo Coletivo Massapê, que adotou como pressupostos a usufruição do potencial pedagógico dos espaços públicos e a inclusão de crianças no processo de criação dos próprios terrenos de jogo. Ao longo das cinco etapas do projeto, as crianças, bem como todos os outros atores sociais afetados pelo projeto, puderam

compartilhar quais eram suas percepções acerca do território, contribuir para o redesenho da rua de acordo com as suas necessidades e avaliar a maneira como ele o impactou depois de construído.

Segundo estatísticas levantadas pelo próprio coletivo, 77% das crianças entrevistadas no processo de avaliação pós-ocupação afirmaram que brincam em algum dos espaços públicos que passaram por intervenção, e 55% desse grupo disseram que os frequentam mais de três vezes na semana, o que indica uma presença significativa desses lugares no cotidiano das crianças.

Essa articulação entre organizações das mais diversas esferas da sociedade e contextos geográficos revela um movimento global em prol da garantia do direito da criança ao espaço urbano. As iniciativas desenvolvidas por esses atores sociais têm obtido bastante êxito tanto na adequação dos espaços públicos às necessidades das crianças quanto na disseminação de boas práticas urbanas. Futuramente, espera-se que essas ações se multipliquem, alcançando, principalmente, os grupos sociais que mais carecem de espaços públicos onde o jogo possa ocorrer.

[Figura 12]



Figuras 12. Crianças brincando na natureza. Fonte: Criança e Natureza, 2018.

1.6 O terreno físico do jogo

“It is often assumed that children play in the street because they lack playground space. But many children play in the streets because they like to.”

(WHYTE, 1980)

49

Conforme mencionado anteriormente, o jogo pode ocorrer em qualquer meio físico. Contudo, postos os possíveis desdobramentos do ato de brincar na vida das crianças e dos adolescentes, é admissível afirmar que a qualidade da brincadeira é moldada pelo ambiente onde ocorre. Quando este acontece em espaços públicos, uma maior diversidade de elementos fica à disposição para a invenção dos jogos, fazendo com que aqueles grupos exercitem a sua criatividade e a sua imaginação, e também estreitando a sua relação com o mundo. GEHL (2010) ilustra a maneira como as crianças se apropriam e reelaboram a cidade:

“A cidade de Veneza não tem, na verdade, playgrounds. A cidade em si é um playground. As crianças sobem nos monumentos e escadarias, brincam junto aos canais e, se não tiverem um colega perto com quem brincar, sempre podem chutar uma bola para um dos pedestres que passam. Se uma criança chuta uma bola para o meio de um grupo de pedestres, sempre haverá alguém que vai chutar a bola de volta, e esse jogo pode levar horas”. (GEHL, 2010)



Figura 13. Crianças brincando em praça localizada em Veneza, Itália. Fonte: Wikimedia, 2019.

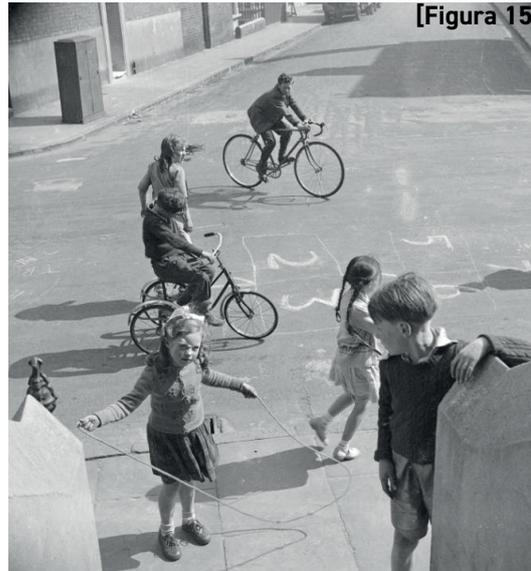
Nessa declaração, o urbanista dinamarquês deixa claro que Veneza, como um todo, é o terreno do jogo das crianças que frequentam a cidade. Seus elementos de arte pública, suas escadarias e seus corpos d'água são percebidos como elementos lúdicos mesmo que não tenham sido desenhados para esse fim. Além disso, aos olhos daqueles, cada transeunte é um jogador em potencial (figura 13).

Em vista disso, entende-se que não é preciso um lugar específico para o jogo. Na realidade, qualquer espaço público possui potencial para abrigar a brincadeira, mas, para que as crianças possam usufruir dos benefícios do jogo, é preciso que algumas condições sejam atendidas. Em sua obra seminal, JACOBS (1961) dedica um capítulo inteiro à discussão acerca da acomodação das brincadeiras das crianças nas calçadas. Em determinado momento, ela afirma o seguinte:

“O requisito para qualquer uma dessas variedades de recreação informal não é a existência de nenhum tipo de equipamento rebuscado, mas sim de espaço num local conveniente e interessante. [...] Se as calçadas de uma rua movimentada tiverem largura suficiente, a recreação surge com força junto com os outros usos. Se as calçadas forem acanhadas, a brincadeira de pular corda é a primeira a ser prejudicada. Depois vêm os patins, os triciclos e as bicicletas. Quanto mais estreitas forem as calçadas, mais sedentária se torna a recreação informal.” (JACOBS, 1961)

Como a ativista americana deixa claro, espaços generosos são essenciais para que um maior número de brincadeiras possa ocorrer nas calçadas. Além de precisarem ser suficientemente amplos para permitir que as crianças possam se mover de maneiras distintas, como caminhar, correr ou andar de bicicleta, também é necessário que possibilitem o florescimento de atividades não-estruturadas (figuras 14 e 15).

Figuras 14 e 15 .
Crianças na avenida
Chisenhale. Fonte:
Tate Modern, 2015.



Igualmente importante é minimizar o risco de acidentes, violência e exposição a experiências sensoriais desconfortáveis. Logo, partindo dos princípios do urbanismo voltado à escala humana, é preciso reorientar o tráfego de modo que a sua prioridade seja o deslocamento seguro e confortável de pedestres e usuários de modais ativos de transporte.

Ademais, esses espaços públicos também podem favorecer a brincadeira ao fornecerem substâncias para a criação dos mundos temporários do jogo. Estas podem assumir a forma de peças estruturadas, como os brinquedos comumente empregados em espaços de brincar, ou também de elementos arquitetônicos ou naturais. Ao mesmo tempo que constituem a brincadeira, o contato com esses elementos também tem a capacidade de estreitar a relação das crianças com o meio em que vivem.

2

A disputa pelo brincar

Em 2022, o Recife ocupou o posto de segunda capital mais desigual do Brasil, atrás apenas de João Pessoa. Esse título se deu em virtude do seu alto coeficiente de Gini, - um instrumento estatístico que mede o grau de concentração de renda em determinada região -, que, no início daquele ano, atingiu a marca de 0,669. A desigualdade no município também pode ser observada espacialmente, uma vez quase um terço do seu território urbanizado corresponde a Comunidades de Interesse Social (CIS), assentamentos habitacionais ocupados por população de baixa renda, onde residem 51,3% dos recifenses.

Além de serem caracterizadas pela sua renda, essas comunidades são marcadas pela baixa oferta de oportunidades urbanas, como equipamentos sociais e espaços públicos, que, normalmente, se concentram em pólos onde há maior acúmulo de capital. Segundo ROLNIK (1999), essa exclusão territorial torna os “indivíduos, famílias e comunidades particularmente vulneráveis, abrindo espaço para a violência e o conflito” e “faz os habitantes se sentirem como se suas vidas tivessem pouco valor”.

Dentro dessa perspectiva, uma das estratégias adotadas pela Prefeitura do Recife (PCR) para promover a inclusão social, e, conseqüentemente, a redução nos índices de criminalidade e violência urbana nesses territórios, foi a construção dos Centros Comunitários da Paz (COMPAZ). Baseados na experiência colombiana das Bibliotecas Parques, esses centros buscam fomentar uma cultura da paz ao possibilitarem o acesso a serviços

públicos essenciais, cursos de capacitação profissional e atividades esportivas, culturais e artísticas.

Desde a abertura das duas primeiras unidades, localizadas no Alto Santa Terezinha e no Cordeiro, o índice de Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) na sua área de influência vem diminuindo a cada ano, o que revela o êxito das estratégias adotadas pelo projeto.

Visto isso, o presente trabalho vislumbra um cenário onde a cultura da paz possa se infiltrar ainda mais nas comunidades por meio da promoção dos jogos em espaços públicos. Conforme mencionado anteriormente, o estímulo às experiências lúdicas desde a infância torna possível o desenvolvimento de uma série de competências, a exemplo da criação e o respeito a regras, da identificação de sentimentos, da resolução de conflitos e da regulação de emoções. Logo é fundamental propagá-lo no maior terreno do jogo em potencial: o espaço público.

Nesse sentido, propõe-se um exercício de paisagem na Praça da Feira do Troca da Linha do Tiro, um campo de várzea localizado no bairro da Linha do Tiro, que possui a capacidade de abrigar não apenas o jogo, mas uma grande diversidade de atividades, fazendo com que a comunidade que mora no seu entorno possa viver em comunhão.

Para fins desta proposta, foi adotada uma abordagem sistêmica, logo o objeto de estu-

58 do foi apreendido a nível do bairro e do seu entorno imediato. Dessa maneira, é possível especular a sua contribuição tanto para uma eventual rede de espaços livres da região, quanto para a comunidade que reside nas suas adjacências. A propósito, visto que o reforço à vida urbana tem forte relação com a valorização das particularidades do lugar, foi realizada uma leitura extensa do território a fim de identificar os atributos capazes de guiar o exercício.

Entre os métodos de pesquisa utilizados neste trabalho, destaca-se a relevância dos questionários, uma vez que eles permitem o levantamento de aspectos da área que apenas as pessoas que a frequentam assiduamente podem apontar. Inicialmente, foi cogitado entrevistar apenas dois grupos sociais - crianças e adolescentes, e cuidadores de crianças e adolescentes. Contudo, diante da relevância da Feira do Troca para o bairro, também houve diálogo com os comerciantes desse evento sazonal a fim de encontrar maneiras para fortalecê-lo e compatibilizá-lo com os novos usos propostos.

Visto que se pretendia obter informações distintas de cada grupo, foram elaborados três tipos de questionários, os quais foram aplicados entre os meses de abril e junho, a um total de 41 pessoas residentes da Linha do Tiro ou de bairros vizinhos, - que correspondem, precisamente, a 27 crianças e adolescentes com idade variando entre 10 a 18 anos, 10 cuidadores de crianças e adolescentes, e 5 feirantes.

Nos dois primeiros grupos foram aplicados questionários semiestruturados (Apêndices A e B) que envolviam perguntas com respostas abertas e fechadas, resultando em dados quantitativos e qualitativos ao final do seu preenchimento. Em ambos, buscava-se identificar os espaços públicos frequentados pelos participantes e sua avaliação acerca deles, bem como a sua percepção acerca da Praça da Feira do Troca. Enquanto, aos feirantes, foi aplicado um questionário não-estruturado que tinha como objetivo construir uma narrativa sobre a Feira do Troca.

2.1 O caso da Linha do Tiro

60

Localizado a nordeste da cidade do Recife, às margens do rio Morno e dentro da emblemática área de morros, está o bairro da Linha do Tiro. Este faz parte da Região Político-Administrativa (RPA) 2, que, juntamente a RPA 3, são caracterizadas por um processo de ocupação iniciado no período colonial da cidade. De acordo com ALHEIROS, M. et al. (2004), naquele momento, os segmentos sociais menos abastados se dirigiram aos morros e outros territórios onde a construção exigia maior investimento financeiro e conhecimento técnico porque aqueles que apresentavam melhores condições para construção já tinham sido ocupados outros segmentos.

Em meados do século XX, a unidade de paisagem a qual o bairro pertence se configurou como a maior área de expansão urbana do Recife, visto que o processo de erradicação dos mocambos nos alagados das planícies ocasionou um êxodo das famílias expropriadas das suas habitações em direção aos morros.

Segundo CAVALCANTI (1949), a formação do bairro remonta ao fim do século XIX, período em que uma porção de terra do arrabalde de Beberibe havia sido destinada à prática de tiro ao alvo dos membros do Exército.

De acordo com o IBGE (2010), no bairro, moram 14.867 pessoas, que ocupam território de 82 hectares, assim acarretando numa densidade demográfica de 181,20 habitantes por hectare, o que corresponde a uma média quase três vezes maior que a de

Figuras 16, 17 e 18. Localização do bairro na cidade do Recife, localização do bairro na RPA 2, e localização da área de estudo dentro do bairro

Recife (PCR). Sua população é majoritariamente composta por mulheres (52,9%) adultas com idades variando entre 20 a 59 anos (28,16%).

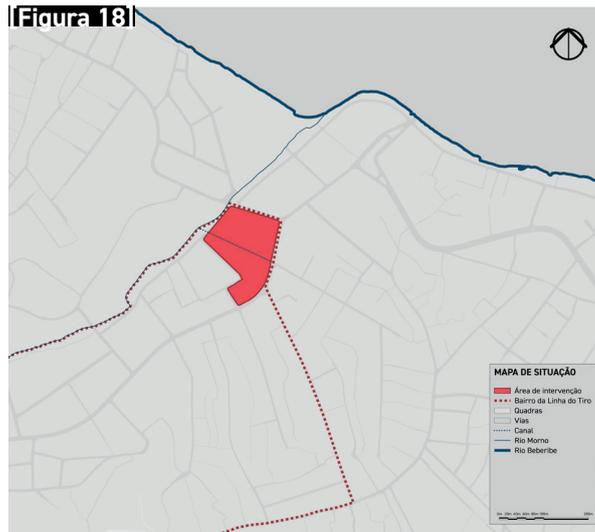
[Figura 16]



[Figura 17]



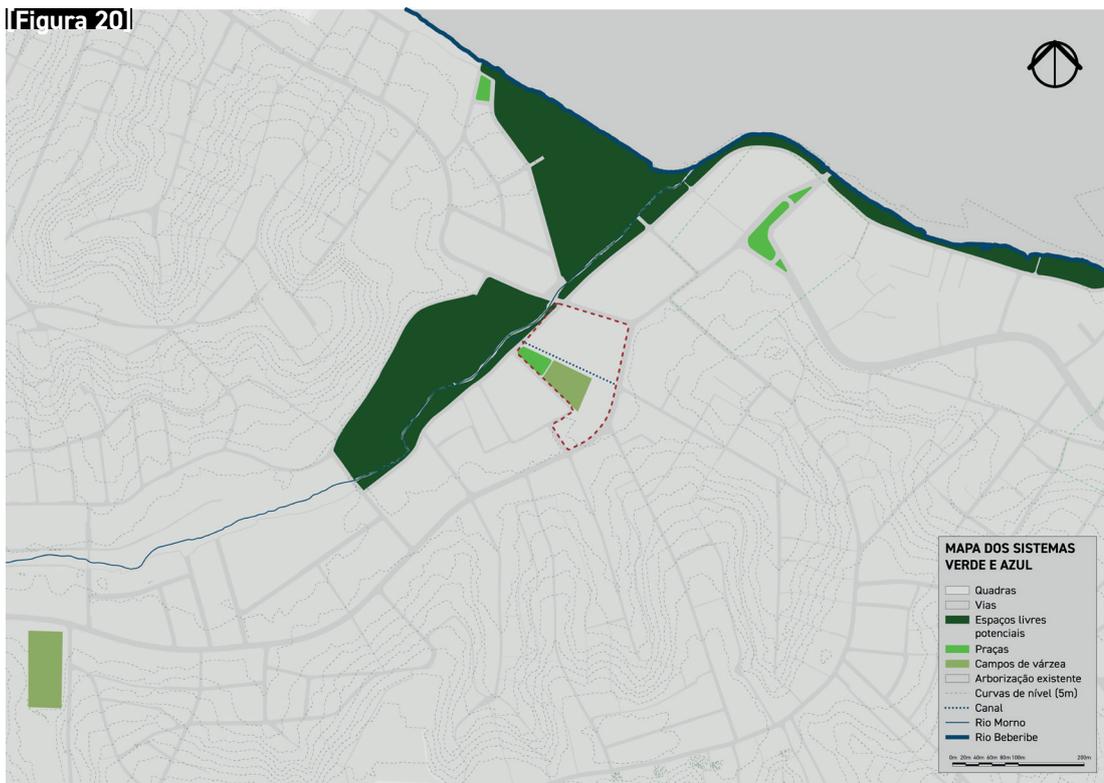
[Figura 18]





Figuras 19. Mapa de USOS.

[Figura 20]



Figuras 20. Mapa de atributos naturais

[Figura 21]

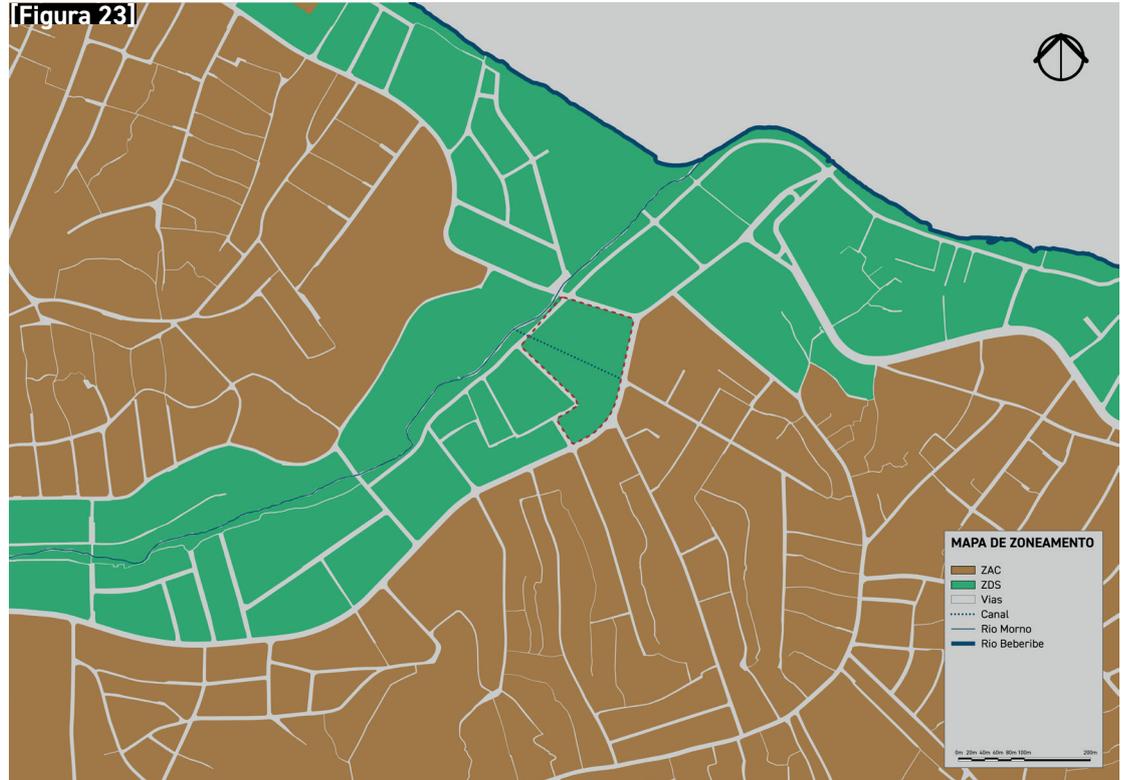


Figuras 21. Mapa de USOS.

Figuras 22. Mapa de infraestrutura viária.
Fonte: Autora, 2022



Figuras 23. Mapa de
zoneamento. Fonte:
Autora, 2022

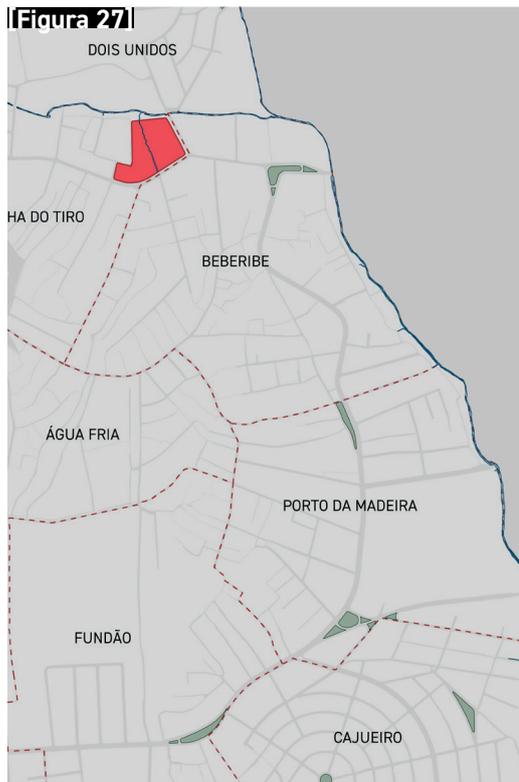


Figuras 24, 25 e 26. Tipologias residenciais presentes na área de estudo. Fonte: Google Earth

Nessa região, predomina o uso residencial, expresso em três tipologias: (i) palafitas, (ii) unidades residenciais unifamiliares de até dois pavimentos e (iii) conjuntos habitacionais multifamiliares de até quatro pavimentos, que, juntas, configuram a horizontalidade do bairro (figuras 24, 25 e 26). O uso misto também se destaca no bairro, caracterizado ora pela presença de comércio e serviços no pavimento térreo, e habitações nos níveis superiores, ora pela construção de uma pequena extensão da casa, onde são comercializadas mercadorias. O comércio do bairro, bem como os equipamentos urbanos, se concentram nas suas vias principais, a avenida Aníbal Benévolo e a rua Uriel de Holanda, importantes conexões com a avenida Beberibe.



No que diz respeito aos seus espaços livres, percebe-se um padrão similar ao da sua própria região político-administrativa (RPA) (figura 27). Em ambos os casos, a soma da área de todos os seus espaços públicos corresponde a menos de 1% da sua área territorial. Além disso, durante uma visita in loco, foi possível confrontar os espaços públicos existentes nas adjacências com os princípios de urbanismo voltado para a escala humana, levando a conclusão de que boa parte deles não atende às necessidades de segurança, conforto e estímulo dos cidadãos.



Figuras 27. Mapa de localização das praças da RPA 2. Fonte: Autora, 2022

Figuras 28 e 29.
Praça Dr. Alberto Wanderley e Praça Dr. Pedro Alves Neto, respectivamente.
Fonte: Autora, 2022.



Um grande número de espaços públicos se configura como interstício das vias de veículos, a exemplo daqueles que tangenciam a Avenida Beberibe (figuras 28 e 29). A ausência de medidas que protejam os seus usuários, os expõe a ruídos, à poluição e ao risco de acidentes de trânsito. Em alguns casos, a insuficiência do número de árvores e a especificação de espécies inadequadas para arborização urbana sujeitam os cidadãos às intempéries climáticas do bairro. Enquanto, em outros, há a ausência de mobiliário de descanso, limpeza e comunicação.

Outro tipo de espaço livre, não idealizado pelo poder público, bastante utilizado pela população, são os campos de pelada. Originalmente, o termo designa

70 terrenos descampados localizados às margens de rios, onde ocorrem partidas de futebol. Contudo, no caso dos bairros localizados nas áreas de morro, esses espaços foram criados pela população em áreas residuais da região para atender, de maneira geral, as suas necessidades de lazer, recreação e convívio social.

Na Linha do Tiro, existem quatro campos de pelada, onde, além dos tradicionais jogos de futebol, ocorrem festas e apresentações de artistas locais. Esses espaços públicos foram concebidos e mantidos pelos residentes do bairro, que, em determinados casos, investiram na sua qualificação. Contudo, diante da sua limitação financeira, os moradores não conseguem garantir uma manutenção constante dos espaços, resultando na má conservação de diversos equipamentos e na exposição dos seus usuários a experiências desconfortáveis.

Apesar das suas deficiências, esse tipo de espaço público é muito importante para a população do bairro, pois ele assume o papel de lugar de encontro e de jogo da comunidade, como explicita o comentário de um dos jovens entrevistados: “Porque é um, tipo, mesmo que seja uma área que não seja muito confortável, mas é o lugar que as crianças podem se reunir, tá ligado?”

Por fim, um equipamento urbano compreendido pelos moradores da região como espaço público é o COMPAZ Governador Eduardo Campos, localizado no Alto Santa Terez-

inha. Construído em 2016, o complexo conta com salas de aula, biblioteca, praça, campo de futebol, piscinas e outros ambientes coletivos, que, juntos, recebem centenas de pessoas diariamente.

Dentre os participantes das entrevistas que afirmaram frequentar espaços públicos, aproximadamente, deles afirmou que o COMPAZ é o lugar que eles mais visitam. Eles apontaram a diversidade de atividades promovidas pelo centro como um dos motivos que os atraem até lá: “[...] É um lugar com uma proposta bem interessante porque tem várias atividades físicas, leitura, computação, robótica, atividade física como judô, então é bem interessante.”

Ao mesmo tempo, quando questionados sobre a segurança do equipamento, eles enfatizaram que apenas se sentem seguros dentro do complexo. Uma vez fora dele, eles acreditam estar vulneráveis à criminalidade e à violência urbana da região. Uma das participantes afirmou que:

“Na região de fora, eu acho inseguro, não confio bastante... Porque, assim, não tem policiamento e os guardas que estão lá só estão guardando o que tiver dentro do ambiente, sabe? [...] Então fora sempre rolava muita coisa, às vezes briga de crianças que saíam da escola e, geralmente, como a gente mora assim em bairro, eles não... Não é briguinha, então vinha com estilete, vinha brigar com faca, e eram tudo crianças. Inclusive já aconteceu comigo, então nunca foi seguro [...]”

Apesar do receio em circular pelo entorno do COMPAZ, segundo dados da Secretaria de Defesa Social de Pernambuco (SDS/PE), no raio de um quilômetro em relação ao equipamento, o índice de redução do CVLI caiu 27,3% no comparativo entre 2017 e 2016, e 5% entre 2018 e 2017. No próprio bairro onde o centro está localizado, não houve nenhum registro de homicídio no ano de 2018.

Outro dado relevante foi o fato dos cuidadores de crianças levarem os pequenos para espaços públicos distantes da região, como o Parque da Jaqueira e o Parque Dona Lindu, localizados, respectivamente, nos bairros da Jaqueira e de Boa Viagem. Uma mulher adulta relatou: “Eu gosto muito de lá. [...] Pra mim é muito interessante. Eu gosto de ler livro, aí deixo eles à vontade, sempre olhando... Acho melhor. Eu gosto de lá.”. Ainda que o deslocamento até esses espaços públicos envolva longas distâncias e custos com transporte, aquele grupo social prefere frequentá-los por oferecerem mais opções de lazer.

Além desses espaços públicos, existem áreas livres potenciais na região, como as margens dos rios Morno e Beberibe, que exercem considerável influência ambiental. Essa potencialidade foi reconhecida pelo Plano Diretor da Cidade do Recife (PDCR), que propôs a inserção desses cursos hídricos e a área imediatamente adjacente a eles na Zona de Desenvolvimento Sustentável (ZDS) Beberibe, mais especificamente no setor A dessa classificação. A legislação prevê a revitalização daqueles a fim de estimular a aproxi-

mação entre cidadãos e natureza, bem como estimular o uso misto, a fachada ativa, o desenvolvimento de novos padrões morfotipológicos e de usos do espaço público, e articular uma rede de mobilidade ativa sustentável.

Entre os projetos especiais que estão sendo desenvolvidos para essa área, destaca-se o Parque Beberibe, uma iniciativa do Programa de Infra-Estrutura em Áreas de Baixa Renda da RMR (PROMETRÓPOLE) (2003), que está sendo executado em parceria com as prefeituras de Recife e Olinda. Este parque tem como objetivo conservar o ecossistema natural remanescente às margens do rio Beberibe e o desenvolvimento de atividades de esporte e lazer.

Apesar da antiga Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente da Cidade do Recife (SEPLAM) ter realizado um trabalho de identificação de áreas potenciais à implantação de espaços públicos naquela região ainda nos anos iniciais do projeto, a proposta de intervenção ainda se encontra a nível de diretrizes projetuais. Consequentemente, a população que reside nas proximidades daquele curso d'água ainda não tem acesso a espaços públicos de qualidade a curtas distâncias de onde mora.

Diante dos dados apresentados, se faz urgente criar um sistema de espaços públicos onde experimentações lúdicas possam acontecer de maneira segura, confortável e estimulante. Este deve abarcar os terrenos do jogo existentes e as áreas potenciais, e estabe-

74 lecer conectores que os evidenciem e celebrem a paisagem marcante dos morros. Dessa maneira, a cidade pode oferecer condições para o desenvolvimento pessoal, a construção de comunidades e o vínculo com a natureza.

2.2. Um percurso pela Praça da Feira do Troca

O objeto de estudo deste trabalho é a Praça da Feira do Troca, cujo terreno está situado na porção nordeste do bairro da Linha do Tiro, sendo delimitado a norte pela rua Márcia Mendes; a leste, pela Avenida Hildebrando Vasconcelos; a sul, pela Rua Uriel de Holanda; e a oeste, pela Travessa Márcia Mendes. Sua área totaliza aproximadamente 3400m², e a mesma está setorizada em duas zonas, sendo elas um terreno descampado, onde vários eventos sazonais tomam lugar, e uma área destinada para a brincadeira.

Apesar de um grande número de atividades se manifestarem nesse espaço público, o seu potencial ainda não é explorado adequadamente. Fatores como a pouca diversidade de usos e serviços no seu entorno, a exposição a experiências sensoriais desconfortáveis e o senso de insegurança que deriva da criminalidade e da violência urbana, fazem com que muitos moradores da área não a frequentem, principalmente crianças e

adolescentes. Contudo, as práticas desenvolvidas dentro dos seus limites apontam para um futuro positivo em potencial.

Nesse sentido, o presente subcapítulo compila os resultados do processo de observação in loco, cujo foco foi identificar os fazeres de grande relevância para os residentes do bairro, bem como as dificuldades enfrentadas por eles no seu exercício. Dessa forma, é possível reconhecer qualidades da área de estudo que podem orientar a proposta de intervenção.

Em vez de analisar a praça de maneira isolada, optou-se por também examinar, de maneira geral, equipamentos que conformam a rede de socialização de crianças e adolescentes residentes do bairro e adjacências, no intuito de refletir como esses elementos podem dar forma a um sistema coeso de espaços brincantes

76 **Figura 30.** Mapa das escolas frequentadas pela autora. Fonte: Autora



2.2.1 Ameaças a uma infância saudável

A fim de compreender a vivência cotidiana das crianças e dos adolescentes que residem e frequentam a Praça da Feira do Troca, os percursos tiveram início em quatro redes ensino público situadas a menos de 500 metros de distância deste espaço público: (i) Escola Pedro Celso, (ii) Escola de Referência em Ensino Médio, (iii) Escola Municipal Professor Ricardo Gama e (iv) Escola Paulo VI (figura 30). Em apenas duas delas há uma área externa destinada ao convívio social. Entretanto, em ambas escolas, esse ambiente não estimula a permanência das crianças e dos adolescentes, visto que são áreas onde estão dispostos pouquíssimos mobiliários para descanso protegidos contra experiências sensoriais desconfortáveis.

O caminho percorrido desde essas escolas até a Praça da Feira do Troca apresenta muitos obstáculos. Em muitos trechos dessa jornada, calçadas são inexistentes. Quando estão presentes, normalmente são descontínuas em termos de dimensões, níveis de altura e materiais. Além disso, boa parte delas apresenta mau estado de conservação, o que foi constatado por uma grande presença de rachaduras na sua extensão. Junto a isso, em calçadas onde estão dispostos elementos de mobiliário, a faixa de passeio se mostra insuficiente para acomodar os pedestres, o que leva muitos deles a circular nas vias dedicadas a veículos. Esses dois fenômenos apresentam sérios riscos à integridade física das crianças e dos seus cuidadores.

Outro fator que dificulta a locomoção a pé é a baixa presença de rampas para pedestres nas calçadas. As poucas existentes, geralmente, não são integradas a um sistema de sinalização - composto por faixa de pedestres, semáforos e placas informativas - que torne a travessia segura (figuras 31 e 32).

Na área de estudo existe apenas uma ciclovia, construída recentemente, que tem início na rua Márcia Mendes, localizada no bairro da Linha do Tiro (figura 33), ao longo do Rio Morno, bordeja o Rio Beberibe e é interrompida no cruzamento da Rua Beberibe com Avenida Cidade de Monteiro, no bairro do Porto da Madeira. Nos seus quase três

Figuras 31 e 32.
Calçadas ao longo da
rua Uriel de Holanda.
Fonte: Autora, 2022



[Figura 33]



Figuras 33. Calçadas ao longo da rua Márcia Mendes. Fonte: Autora, 2022

quilômetros de extensão, não é encontrado nenhum elemento de mobiliário de apoio aos ciclistas, como bicicletários, bebedouros e banheiros públicos.

Ambos tipos de vias, calçadas e ciclovias, não são acompanhados de arborização. A ciclovia, por exemplo, não é sombreada em nenhuma parte da sua extensão, o que torna o deslocamento bastante desconfortável. Na própria praça existem apenas duas árvores, que, devido à sua ínfima quantidade e ao seu porte, não conseguem projetar sombra ou provocar sensação de bem-estar nos transeuntes.

Os abrigos de ônibus estão distribuídos de maneira adequada ao longo do bairro, contudo, a espera por transporte público se torna desconfortável diante da ausência de assen-

80 tos públicos e da ineficiência da cobertura em proteger as pessoas do sol e da chuva. A propósito, são nos dias chuvosos que o sistema de drenagem também se mostra deficitário. As ruas alagam com muita rapidez, e o volume grande de água impossibilita enxergar algumas das ameaças presentes nas calçadas, como buracos e desníveis, tornando elas propícias para acidentes (figura 34).

É também durante o período de chuvas que outro problema se torna alarmante: a ineficácia do sistema de coleta de lixo. Com exceção do Ecoponto e de algumas poucas lixeiras localizadas na Praça da Feira do Troca, não existe nenhuma outra lixeira pública na área de estudo, nem mesmo em frente a grandes equipamentos públicos como escolas e unidades de pronto-atendimento. Como



Figuras 34. Canal ao longo da Praça da Feira do Troca. Fonte: Autora, 2022

consequência disso, as pessoas descartam lixo doméstico nas vias públicas, nos corpos d'água existentes e até mesmo na própria praça. Com a chuva, esses resíduos se dispersam e, frequentemente, minimizam a capacidade ação do sistema de drenagem, o que agrava os alagamentos e expõe as pessoas a doenças.

Dentro dessa perspectiva, o canal que tangencia a Praça da Feira do Troca, hoje, também se apresenta como um grande risco para crianças e adolescentes. Ainda que o corpo d'água que corre ali seja um dos afluentes do Rio Morno, os moradores não o reconhecem mais como um elemento natural, pois, hoje, ele é o lugar onde os moradores e frequentadores depositam lixo e esgoto doméstico. Uma das crianças que participou da entrevista afirmou que gostaria que “tapasse o esgoto porque lá tem um buraco de esgoto”, o que evidencia a percepção negativa acerca daquele elemento. Apesar das evidentes ameaças, não há nenhuma barreira que possa proteger os frequentadores de possíveis acidentes.

Há também uma falha na provisão de mobiliário de descanso adequado para os frequentadores da praça. Atualmente, as opções existentes são os dois bancos presentes na área de brincar infantil e o parapeito de alvenaria que o delimita (figuras 35 e 36). As dimensões deste não são compatíveis com as necessidades físicas de jovens e adultos. Dentro dessa perspectiva, também é importante ressaltar que ambas alternativas não

82 apresentam encosto e estão expostas às intempéries climáticas.

Os elementos destinados ao jogo também se encontram em condições inapropriadas para o uso. Ao todo, a praça possui três mesas de jogos de tabuleiro, dois escorregadores e dois balanços, todos construídos inteiramente em concreto, com exceção dos balanços, cujos assentos são em estrutura metálica. Visto que esses materiais absorvem calor de

Figuras 35 e 36.
Canteiro da Praça da Feira do Troca destinada ao jogo.
Fonte: Autora, 2022



Figuras 37 e 38.

Calçadas ao longo da rua Uriel de Holanda.

Fonte: Autora, 2022

maneira muito rápida, utilizá-los durante o dia pode ser bastante desagradável.

No que diz respeito à iluminação, os moradores afirmam que a praça em si é bem iluminada. Contudo, nas vias próximas a ela, os postes são direcionados à via de veículos em vez das calçadas, o que influencia, junto a outros fatores, o senso de segurança da população. De acordo com os resultados do questionário, 100% dos participantes avaliaram a praça como insegura ou muito insegura, o que impõe um grande desafio para o poder público.

“Iluminação, mais mesas, mais brinquedos de qualidade, é... pelo menos uns bancos pra pessoa jogar, uns jogos. “. Os depoimentos junto ao processo de observação in loco evidenciam as deficiências dos equi-



84 pamentos que compõem a rede de socialização das crianças e dos adolescentes da Linha do Tiro. As escolas e os espaços públicos do bairro não tem atendido as necessidades de recreação e lazer desses grupos sociais. Conforme mencionado anteriormente, essa escassez pode trazer graves consequências para o seu desenvolvimento. Portanto, a reversão desse cenário é fundamental para uma infância mais saudável.

2.2.2 O lugar sagrado da Linha do Tiro

Embora a Praça da Feira do Troca seja percebida como insegura, desconfortável e desinteressante pelos seus frequentadores, esse espaço público tem resistido ao processo de ocupação dos morros, possivelmente porque nele florescem atividades que agregam a comunidade e fortalecem a economia. Dentre elas, destaca-se a Feira do Troca, um evento sazonal que surgiu décadas atrás e que até hoje mantém-se presente no dia-a-dia dos cidadãos. Práticas como essa apontam os valores econômico e simbólico dessa praça, e, mais do que isso, o seu potencial para ser um lugar de encontro.

Ao longo dos últimos anos, o bairro da Linha do Tiro vem passando por uma série de transformações urbanas. Em 2014, a PCR construiu uma unidade de pronto-atendimento para atenção básica e atendimento de pequenas urgências, conhecida como Upinha. Esse equipamento médico foi instalado à sul da praça. Já em 2017, houve uma grande mudança na sua infraestrutura viária com a construção de vias bidirecionais para veículos e bicicletas às margens dos rios Morno e Beberibe. Para que a obra acontecesse, foi preciso desapropriar terrenos que ladeavam uma das bordas desses cursos hídricos. Muitas famílias foram realocadas para conjuntos habitacionais construídos pelo poder público, enquanto outras, desamparadas pelo mesmo, optaram pela autoconstrução.

Figuras 39 e 40.

Imagem de satélite da Praça da Feira do Troça em 2015 e em 2022, respectivamente. Fonte: Prefeitura do Recife e Google Earth, respectivamente.



Comparando imagens de satélite dos anos de 2014 e 2022 (figuras 39 e 40), nota-se a presença da Upinha à sul e a ocupação de alguns terrenos à leste da praça, e a diminuição da cobertura vegetal do território, principalmente onde ocorreu a abertura das vias bidirecionais. Ainda que o traçado da praça tenha se mantido de maneira geral, as modificações ocorridas na área vão na contramão dos princípios de cidade mais humanas e diminuem a qualidade de vida das pessoas que usufruem daquele espaço.

Atualmente, a cada quarta-feira e sábado, comerciantes provenientes da Linha do Tiro, de bairros vizinhos e até de outros municípios instalam-se na área livre da praça, cada um à sua maneira. Alguns armam barracas, outros adotam como expositor o bagageiro do seu veículo particular, e há também pessoas que dispõem as suas mercadorias sobre um tecido posto em contato direto com o piso de terra batida. Nesses tipos de vitrine são expostos os mais diversos tipos de produtos: alimentos, roupas, cosméticos, utilidades domésticas, materiais de construção e outros (figuras 416 e 42).

Figuras 41 e 42.
Feira do Troca Fonte:
Autora, 2022





Figura 38. Diversidade derivada da Feira do Troca. Fonte: Autora, 2022

Diante do alto número de comerciantes que surgem no lugar, alguns se valem de anúncios orais para chamar a atenção da clientela. Esse dinamismo atrai diversas pessoas até a área, ora consumidores, ora espectadores do “balé” da feira.

Enxergando oportunidades comerciais, outros grupos sociais somam ao evento: vendedores ambulantes, prestadores de serviço temporários e pequenos estabelecimentos de alimentação no entorno imediato (figura 43). Esses últimos abrem as suas janelas para a rua e instalam mesas na calçada, a fim de atender tanto o consumidor que está apenas de passagem pela área, quanto também aquele que deseja permanecer no local. Além desses, outros grupos aproveitaram a movimentação da praça durante os

dias de feira, como jovens que improvisam pequenas festas assim que os comerciantes encerram o seu ofício, normalmente por volta do fim da tarde. Fenômenos como esses assinalam a diversidade que deriva da Feira do Troca, e, portanto, a sua importância para a ativação urbana da praça e para a economia local.

Todavia, apesar da feira atrair muitos cidadãos, o seu público é pouco diverso. Crianças, adolescentes e mulheres adultas não costumam frequentá-la, nem desfrutar dos brinquedos da praça durante a sua ocorrência. Uma dos jovens afirmou que não visita o evento “porque a maioria das coisas lá é roubada, aí minha mãe não deixa a gente ir não”, enquanto outra disse “é só mais pela desorganização mesmo porque eu não gosto de lugar cheio”, o que indica uma ausência de gestão e fiscalização do espaço, o que torna os responsáveis por jovens receosos.

Mesmo em ocasiões mais tranquilas, esses grupos não fruem a praça. Outra participante das entrevistas declarou



Figuras 44. Feira do Troca. Fonte: Autora, 2022

90 que não vai até lá “Porque eu não tenho muito o que fazer lá. Quem vai mais lá é o meu pai pra falar alguma coisa, resolver algumas coisas lá.”. Opiniões similares a essa foram expressadas por outros entrevistados, indicando que esses grupos não encontram atrativos na praça, ao contrário dos adultos, que costumam frequentar tanto no papel de consumidores, quanto vendedores.

Para além da feira e das atividades que ela atrai, práticas menores chamam a atenção por indicarem necessidades e desejos dos moradores. Por exemplo, na ausência de espaço para a secagem de roupas dentro da sua própria residência, muitas pessoas as estendem num varal improvisado na própria praça, a qual se prolonga por uma grande extensão da mesma. Outra situação diz respeito ao arranjo de plantas nos terraços, varandas e peitoris da janela das moradias adjacentes ao espaço livre, sugerindo, talvez, um desejo de contato com elementos naturais. Por fim, ocasionalmente ocorrem partidas de futebol na área assim como acontece em outras áreas de várzea dos arredores.

Esses fazeres aqui expostos, assim como os atributos naturais do território, são a carga vital e a identidade desse lugar. Eles revelam uma constante disputa pela vida num cenário de privações e são a chave para uma proposta que se propõe a dialogar com as práticas cotidianas locais. Portanto, as diretrizes e a intervenção lançadas no próximo capítulo adotam a manutenção e o reforço dessas características como guia projetual.

3

Estudios de caso

Postos os princípios que nortearam o trabalho e o seu objeto de estudo, foram analisados três projetos paisagísticos localizados em contextos geográficos distintos, que partilham entre si o adereçamento às questões de criminalidade e violência urbana por meio da aplicação de alguns dos conceitos discutidos anteriormente. Além de terem o seu contexto social investigado, estas obras foram avaliadas segundo quatro critérios, que também guiaram o estudo preliminar proposto neste trabalho: (i) relação harmoniosa com a paisagem, (ii) caráter multiuso, (iii) criação de microclimas e (iv) diversidade de experiências sensoriais

Primeiramente, a relação harmoniosa com a paisagem refere-se à maneira como o projeto se articulou ao contexto urbano existente, respeitando e até evidenciando os seus atributos materiais e imateriais; em seguida, caráter multiuso, relaciona-se com a condição da obra abarcar diversas possibilidades de uso; o terceiro, à oferta de diversos microclimas, de maneira que o frequentador do espaço possa escolher a opção que melhor atenda às suas necessidades; e, por fim, a diversidade de experiências sensoriais diz respeito a riqueza de experiências táteis, visuais, olfativas e auditivas que o projeto oferece

Estes critérios foram adotados tendo em vista características que favorecem a manifestação do jogo e possíveis contribuições para o autoaprendizado das crianças.

3.1 Superkilen

94 O parque Superkilen, projetado pelos escritórios Bjarke Ingels Group, Superflex Landscape Architects e Topotek 1, em 2012, foi o vencedor de um concurso realizado pelo município de Copenhague. O objetivo da competição consistia na concepção de um espaço público que pudesse fortalecer a relação entre os moradores de Nørrebro, um dos bairros com os maiores índices de criminalidade da cidade. Por meio de um extenso processo de consulta pública, foi identificado que os moradores daquela região pertenciam a mais de sessenta nacionalidades distintas. Diante disso, a celebração da diversidade étnica, cultural e social foi posta como um dos conceitos-guia do projeto.

O ponto de partida do mesmo foi a divisão de uma área de 750 metros de comprimento em três zonas: (i) praça vermelha; (ii) praça negra; e (iii) parque verde (figura 45). A praça vermelha foi desenhada como extensão de um ginásio existente na região, logo, nela foram dispostos alguns elementos de mobiliário voltados para a prática esportiva e a brincadeira. Enquanto a praça negra foi concebida como uma sala de estar urbana, onde os moradores poderiam se reunir ao redor de equipamentos como mesas de gamão e xadrez, e churrasqueiras. Por último, o parque verde, o maior setor do projeto, foi uma resposta às demandas da população por mais contato com a natureza. Logo, trata-se de uma área vegetada que conta com mesas para piquenique e equipamentos para exercício físico. Essas três áreas são conectadas por uma ciclovia bidirecional que tangencia as

Figuras 45. Planta-baixa do Superkilen.
Fonte: Superflex, 2012.

duas primeiras praças, corta o parque verde e se integra ao sistema de modais ativos de transporte da cidade.

95



Entretanto, vale ressaltar que o zoneamento da área não buscou segregar atividades, e, conseqüentemente, seus usuários. Na realidade, equipamentos para a prática esportiva, elementos lúdicos, mobiliário para descanso e vegetação podem ser encontrados em toda a extensão do parque, resultando em zonas ocupadas por grupos sociais distintos ao mesmo tempo.

Partindo da mesma lógica inicial, a equipe também decidiu dispor elementos de mobiliários e espécies vegetais vindos dos países de origem dos moradores do bairro. A fim de definir quais seriam os elementos, foram realizados encontros públicos e publicados anúncios em jornais, estações de rádio e websites a fim de os residentes compartilhassem a sua opinião. Após esse momento de trocas, a equipe de projeto viajou para Palestina, Espanha, Tailândia, Texas e Jamaica a fim de coletar alguns dos itens elencados pelos moradores. Ao final do processo, foram escolhidos mais de 100 objetos, os quais estão distribuídos ao longo de todo o parque, como uma fonte marroquina no centro na praça negra, das mesas de ping-pong espanholas no parque verde e um ringue de boxe tailandês na praça vermelha.

Figuras 46, 47 e 48. Praça vermelha, praça preta e parque verde, respectivamente. Fonte: BIG, 2012.



Especialmente, o projeto contrasta as zonas por meio da manipulação da topografia e do emprego de materiais distintos. A praça vermelha é inteiramente plana, enquanto a praça negra serve como ponto de transição entre aquela e o parque verde, cujo terreno foi modelado de maneira a simular pequenas colinas. Os revestimentos de piso também variam conforme a zona, sendo aplicado ao longo de todo parque materiais como asfalto, piso emborrachado, grama e terra batida.

A paleta vegetal também contribui para uma maior diversidade de experiências sensoriais. Na praça vermelha, por exemplo, foram plantadas espécies vegetais cuja cor das folhas é análoga aos tons de vermelho e rosa adotados no restante do espaço público. Já na praça negra foram dispostas árvores e palmeiras que variam entre si em termos de altura, copa, forma das folhas e textura do tronco.



Figuras 49. Bancos na praça negra. Fonte: BIG, 2012.

3.2 Parque Recreativo Venecia

98 **Figuras 50.** Croqui do 'plan el Borde' com localização do Parque Recreativo Venecia.
Fonte: BIG, 2012.

O Parque Recreativo Venecia, projetado pelo escritório Jaime Alarcón Fuentes, é um dos espaços livres de recreação que compõem o 'plan de Borde Río' (figura 50), um projeto desenvolvido pelo programa Quiero mi Barrio do Ministério de Habitação e Urbanismo do Chile, voltado para a revitalização de zonas críticas do país por meio de intervenções sociais e urbanas. Concebido em 2014, a criação desse parque buscou atender as necessidades de lazer, recreação e convívio social dos moradores do município de Temuco, região que até então carecia de equipamentos públicos desse tipo.

Figura 50

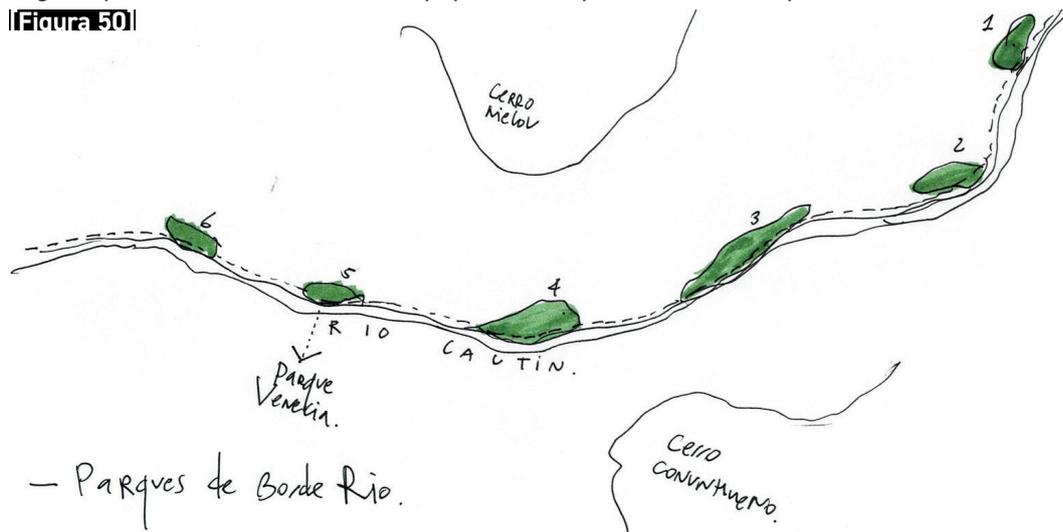
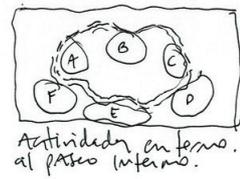
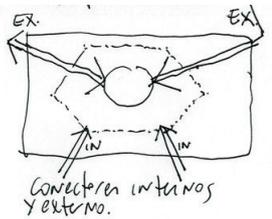
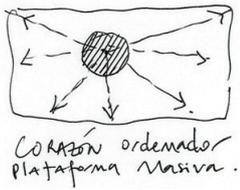
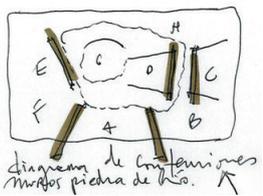
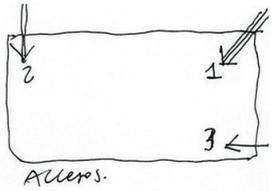


Figura 51. Croquis do Parque Recreativo Venecia. Fonte: BIG, 2012.

A fim de definir o programa do parque, foram consultados vários atores sociais, os quais relataram as suas práticas cotidianas e as suas maneiras de se manifestar culturalmente. Essas informações orientaram o projeto a ser tornar uma extensão da casa e um palco para a celebração da cultura temuquense.

Dentro dessa perspectiva, uma área ociosa de 8400 m² foi dividida em dez zonas, cujo elemento articulador do projeto é um palco de formato circular desenhado para abrigar os grandes eventos da comunidade. Este é envolto por um cinturão de acesso, ao qual se conectam vias que partem das outras dos outros setores do parque.

Figura 51



100 **Figura 52 e 53.**
Crianças brincando
no Parque Recreativo
Venecia. Fonte: Jaime
Alarcon Fuentes,
2015.

Dentre os diversos aspectos do parque, destacam-se as referências que são feitas à própria identidade local, expressa tanto nas áreas de jogos - que são dedicados aos jogos típicos da região, como o pau de sebo, a bocha e a amarelinha -, quanto nas materialidades - que incluem madeira, pedras e areia, os quais se aliam a materiais contemporâneos, como o concreto armado e o aço -, e na paleta vegetal - na qual estão presentes 35 espécies vegetais nativas do Chile.



3.3 Praça da Árvore

Projetado pelo escritório Lazo Arquitetura, em 2020, a Praça da Árvore é um espaço público com área total de 920 m² situado na área externa do COMPAZ Eduardo Campos, um grande complexo cultural localizado no bairro recifense do Alto de Santa Terezinha.

Inicialmente, a equipe de projeto realizou quatro encontros com alguns moradores do entorno do complexo, sendo a maioria deles crianças. Durante esses eventos, foram apontados desejos e necessidades, como o sonho de brincar em balanços, escorregadores e brinquedos afins.

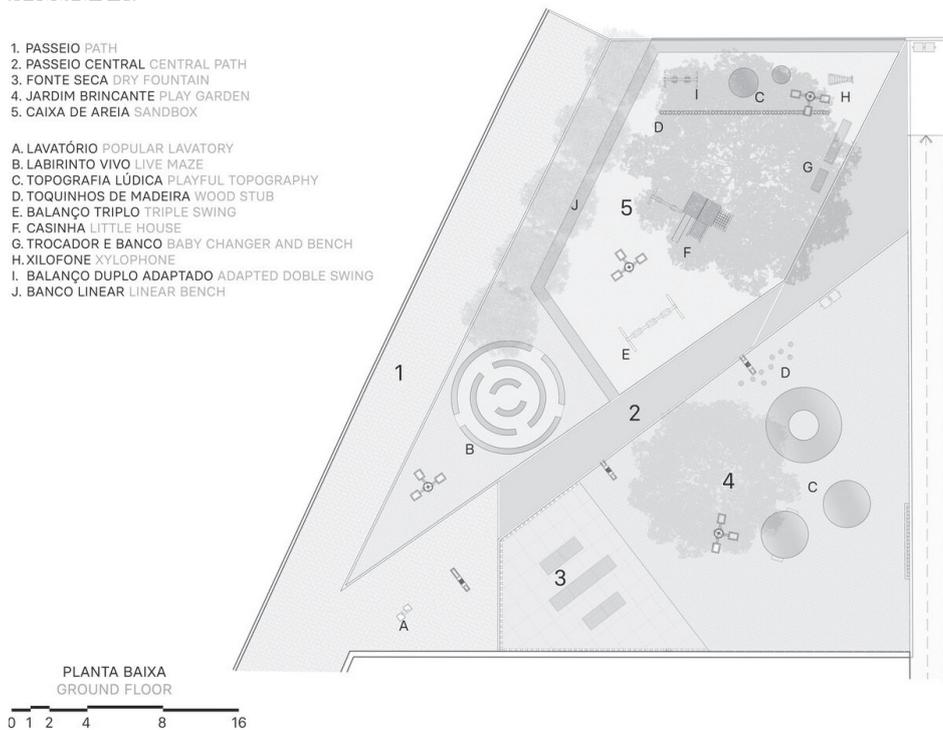
A área da praça consiste num trapézio cortado diagonalmente por uma via e dividido em quatro zonas: (i) fonte seca, (ii) jardim brincante, (iii) labirinto vivo e (iv) caixa de areia. Em cada uma delas acontece uma experiência sensorial diferente. A primeira zona consiste numa área plana sobre a qual foi instalada uma fonte seca. Em seguida, o jardim brincante é um espaço vegetado onde foram construídas pequenas colinas. Depois, tem-se o labirinto vivo, outra zona cuja superfície é coberta com grama, cujo elemento central é um pequeno labirinto criado com cercas-vivas. Essas cercas foram desenhadas em diálogo com as dimensões do corpo de crianças com até três anos de idade. Por fim, a caixa de areia é o espaço que põe as crianças em contato com outro elemento, a areia, e celebra a paineira de doze metros de altura que já existia no terreno.

Figura 54. Planta baixa do projeto. Fonte: Archdaily, 2020.

Figura 55. Crianças brincando na praça. Fonte: Archdaily, 2020.

1. PASSEIO PATH
2. PASSEIO CENTRAL CENTRAL PATH
3. FONTE SECA DRY FOUNTAIN
4. JARDIM BRINCANTE PLAY GARDEN
5. CAIXA DE AREIA SANDBOX

- A. LAVATÓRIO POPULAR LAVATORY
- B. LABIRINTO VIVO LIVE MAZE
- C. TOPOGRAFIA LÚDICA PLAYFUL TOPOGRAPHY
- D. TOQUINHOS DE MADEIRA WOOD STUB
- E. BALANÇO TRIPLO TRIPLE SWING
- F. CASINHA LITTLE HOUSE
- G. TROCADOR E BANCO BABY CHANGER AND BENCH
- H. XILOFONE XYLOPHONE
- I. BALANÇO DUPLO ADAPTADO ADAPTED DOBLE SWING
- J. BANCO LINEAR LINEAR BENCH



[Figura 56]



Figura 56. Crianças brincando na praça.
Fonte: Archdaily,
2020.

3.4 Análise dos projetos

O primeiro ponto a ser destacado é o fato de que os três projetos adotaram processos participativos como o seu ponto de partida. A relevância desse aspecto reside na ideia de que envolver o cidadão na concepção de um projeto é o primeiro passo para o seu reconhecimento como sujeito de direitos. Ou seja, uma obra tem a capacidade de afetar o indivíduo antes mesmo de ser construída. Além disso, é por meio da colaboração que se estabelece uma ressonância do projeto com os desejos dos seus futuros usuários, o que pode despertar um senso de pertencimento com o lugar. Por fim, ao ter um papel ativo e narrar as suas próprias perspectivas de vida no espaço urbano, o sujeito pode assumir para si a responsabilidade por aquele espaço público, conscientizar outros usuários, pleitear melhorias e mobilizar outras pessoas.

Outra questão que perpassa todos os projetos é o uso do vazio como recurso projetual. Essa ação os abre para múltiplas possibilidades de apropriação, o que faz com que ele esteja em constante transformação. Da mesma maneira que um espaço público consegue afetar sujeitos antes mesmo do lançamento da sua pedra fundamental, seu efeito sobre eles não se encerra assim que a obra acaba. Ele continua provocando as pessoas a realizarem alguma ação e essas o moldam pela maneira como o ocupam. Dentro dessa perspectiva, o vazio é um claro convite para a liberdade e a autoexpressão, e, portanto, para o jogo.

Contudo, caso o espaço público não proteja as pessoas contra experiências sensoriais adversas, como a exposição a temperaturas extremas, as possibilidades de jogo diminuem. Consideradas as particularidades de cada contexto geográfico, esse quesito é atendido parcialmente pelos três projetos porque, embora eles garantam uma desejável exposição solar durante o inverno, eles não resguardam os seus usuários apropriadamente nos dias de verão, quando o calor é muito intenso. Em todos os projetos, faltam mais árvores e estruturas que garantam proteção contra altas temperaturas e chuva.

Outro ponto que faz referência à adequação às condicionantes ambientais é a relação harmoniosa com a paisagem. Nesse sentido, os projetos adotaram abordagens distintas. O Superkilen, por exemplo, optou pelo contraste com o tecido urbano ao adotar formas, cores e texturas que não referenciavam o conjunto edificado que o conformava. Enquanto o Parque Recreativo Venecia incorporou não apenas a paisagem, como também as manifestações culturais de Temuco.

No que diz respeito à promoção de experiências sensoriais diversas, pode-se afirmar que os três projetos contribuíram para essa questão. Conforme mencionado, o Superkilen distinguiu cada zona com o emprego de formas, cores e texturas distintas, variando entre áreas planas revestidas com materiais artificiais a áreas com topografia acidentada e vegetada. No Parque Recreativo Venecia e na Praça da Árvore os mesmos recursos se

encontram presentes, com destaque maior para os elementos naturais a fim de estabelecer um contato entre a criança e a natureza.

Embora não respondam de maneira satisfatória às questões de variação climática, os três projetos ainda oferecem um campo fértil para experimentações lúdicas. O vazio permite que as crianças se expressem de maneira livre e criativa, e a diversidade de experiências sensoriais alimenta o cenário do jogo, além de oferecer meios para o autoaprendizado.

44

Um exercício de paisagem na Praça da Feira do Troca

Constatadas as problemáticas paisagísticas presentes na área de estudo, neste capítulo, será apresentado um exercício de paisagem, desenvolvido à luz de uma das cinco portas da paisagem elencadas por BESSE (2014): o projeto. Acessar a paisagem a partir do projeto significa responder aos desafios encontrados ao longo do processo de compreensão do território a fim de impulsionar as qualidades existentes e potenciais do lugar.

Durante as pesquisas, visitas e entrevistas, ficou claro que, apesar os obstáculos enfrentados pelos frequentadores do bairro, eles ainda disputam o território da praça e o reinventam em prol das suas próprias necessidades. Portanto, o presente capítulo pretende apresentar outros cenários possíveis para aquele espaço livre, nos quais as práticas cotidianas dos seus frequentadores são mantidas e outros atores sociais são convidados a usufruírem daquele espaço.

4.1 Por um sistema de espaços livres públicos do rio Beberibe

A partir da análise geral de alguns dos espaços públicos presentes na área de morros do Recife, ficou evidente que os limites políticos de cada bairro parecem inexistir quando seus desafios são postos em pauta. Linha do Tiro, Beberibe, Dois Unidos... Esses e out-

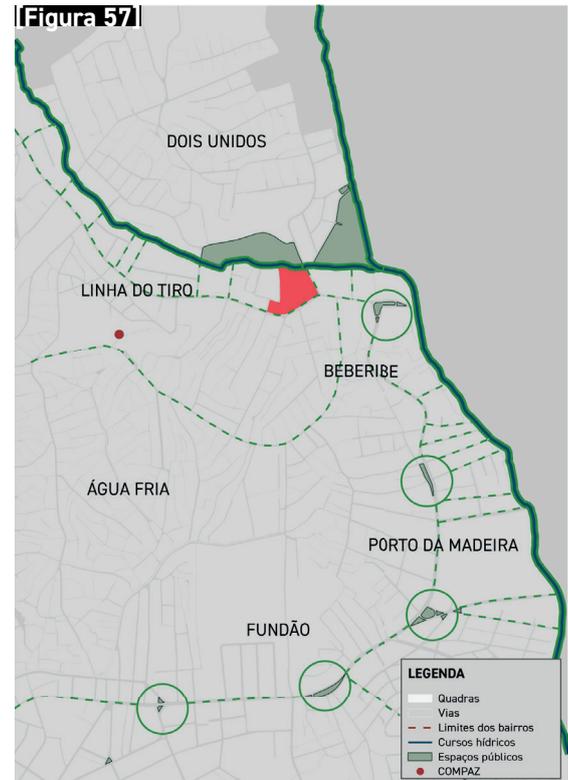
ros bairros partilham de um sistema de infraestrutura precário, da carência de espaços públicos e da inexistência de condições ideais para o jogo. Iniciativas públicas indicam que é possível transformar esse cenário de escassez em um fomento à esperança, logo, é preciso capilarizar essas ações para que mais pessoas sejam afetadas por elas. Nesse sentido, propõe-se um sistema de espaços públicos livres (figura 57), cujos objetivos são requalificar as estruturas físicas existentes e criar novos espaços públicos a fim de oferecer condições para o contato com a natureza, a manifestação cultural e as experimentações lúdicas.

A espinha dorsal desse sistema seriam os cursos hídricos da região, atributos físicos que a identificam e narram a sua história, como o Rio Beberibe. Dentro dessa perspectiva, esse corpo d'água e os seus afluentes, como o rio Morno, seriam recuperados de modo que eles possam voltar a fazer parte do cotidiano dos recifenses.

Baseando-se nas prospecções do Parque Capibaribe, compreende-se que o primeiro passo para a implantação desse sistema seria o reestabelecimento das qualidades ambientais da bacia do rio Beberibe por meio do tratamento das suas águas e da expansão do sistema de coleta de resíduos, que devem ser integrados a ações de educação ambiental. Em seguida, é preciso intervir nesses corpos d'água no intuito de simular as dinâmicas naturais que eles costumavam assumir.

Em terceiro lugar, a fim de que as pessoas possam se relacionar de maneira positiva com esses cursos hídricos, é preciso que suas bordas também sejam requalificadas. Nesse sentido, recomenda-se que haja um trato paisagístico que estimule o deslocamento e a permanência nessa região. Esse sistema verde deve extrapolar as margens dos rios e se infiltrar no restante da cidade por meio de corredores ecológicos para que possa ser experienciado pelo máximo de pessoas possível. Além disso, ele deve incorporar outros espaços livres, tanto aqueles instituídos pelo poder público quanto os potenciais, de maneira que eles possam pulsar em conjunto.

Dentro dessa proposta de sistema, praças como a Doutor Alberto Wanderley, do Fundão e Doutor Pedro Alves Neto, apontadas neste trabalho como insatisfatórias, e os campos de pelada, devem ser requalificados a fim de dar ênfase à experiência do pedestre. Por sua vez, áreas ociosas, principalmente aquelas às margens de corpo d'água, tem o potencial de se tornarem setores se sustentabilidade social, protegendo e preservando aquele, e



aumentando o patrimônio ambiental da região.

Equipamentos sociais como o COMPAZ também devem estar associados a essa rede de espaços públicos, uma vez que eles possuem a capacidade de se retroalimentar. Juntos, eles podem contribuir para a segurança, a educação e o bem-estar dos cidadãos, e, conseqüentemente, mudar a visão desses a respeito do lugar onde moram e de si próprios.

4.2 Transformando o resíduo em potencial

Observar as práticas cotidianas que ocorrem na Praça da Feira do Troca levou à compreensão de que a própria comunidade inventa meios para que aquele espaço contribua para a sua prosperidade. Diante disso, ponderou-se como as áreas ociosas do recorte de estudo poderiam contribuir para a vida urbana do bairro (Apêndice C). Dessa reflexão, surgiram quatro encaminhamentos: requalificar a praça, tornar o território mais permeável, favorecer a caminhabilidade e inserir usos sociais de interesse social.

Dentro da perspectiva de um sistema de espaços livres públicos da bacia do rio Capibaribe, a Praça da Feira do Troca teria o papel de reverberar a natureza para dentro do bairro da Linha do Tiro. Nesse sentido, o cenário atual de escassez e hostilidade, daria lugar a uma abundância de recursos naturais e a um convite à permanência, que se expressariam

em mudanças no desenho da praça e na incorporação de arborização ao espaço público.

A primeira ação em relação ao objeto de estudo foi aderaçar a questão da poluição nos cursos hídricos e nas vias públicas. Em relação à primeira, foi proposta a recuperação do corpo d'água que margeia a praça por meio de jardins filtrantes, uma solução baseada na natureza que se vale da força das raízes das plantas para o tratamento de efluentes diversos. Além de captar agentes poluentes descartados incorretamente no canal, essa estratégia também contribui para a valorização do espaço público.

No que diz respeito ao acúmulo de lixo numa das vias de acesso à praça, recomenda-se a retirada das caçambas estacionárias localizadas ao lado da unidade de pronto-atendimento do bairro e a construção de uma ecoestação no terreno ocioso localizado no encontro da avenida Hildebrando de Vasconcelos com a rua Márcia Mendes, a menos de 200 metros do objeto de estudo.

Em seguida, foi desenhado um passeio ao longo do canal requalificado, a fim de estabelecer um convite ao pedestre tanto à passagem pela área, quanto à aproximação e a contemplação do curso hídrico. Ao seu lado, foram situadas duas vias, uma compartilhada a fim de garantir o acesso de veículos em casos de emergência e outra voltada para pedestres, onde, em determinado trecho, foram instalados um bicicletário e mobiliários de apoio ao ciclista.

Figura 58.
Perspectiva dos
canteiros. Fonte:
Autora, 2022.



[Figura 59]



Figura 59.
Perspectiva dos
canteiros. Fonte:
Autora, 2022.

No lado oposto da praça, diante do baixo fluxo de veículos na travessa Márcia Mendes, houve a diminuição da sua largura e a sua transformação numa rua compartilhada. Em contrapartida à modificação dessa via, propõe-se o alargamento da calçada à oeste dela, a fim de permitir que os comerciantes e os pedestres tenham o espaço adequado para o exercício das suas atividades. Ambos tipos de passeio foram revestidos com paver de concreto, diferenciando-se apenas pela sua cor, a fim de informar visualmente o caráter de cada via, e pelo rebaixamento das guias de acesso para veículos. Para reforçar a segurança dos pedestres, foram distribuídos balizadores em toda extensão da calçada.

Em seguida, a praça também foi redesenhada tendo como um dos guias a caminhabilidade. Assim, também foram propostas calçadas largas onde a circulação, o descanso e o jogo pudessem acontecer confortavelmente. Enquanto os canteiros foram orientados pelo desejo de promover experiências sensoriais diversas.

Por ser um atributo de relevância simbólica e econômica para os residentes do bairro, o campo de pelada foi mantido, inclusive o seu desenho irregular, visto que é o terreno do jogo criado pela própria comunidade. Contudo, foram propostos a instalação de um piso emborrachado permeável e o ordenamento da feira, a fim de promover mais segurança e conforto para todos os atores sociais que frequentam esse espaço público. Aquele material é ideal para atividades de alto impacto, como a prática de esportes e exercícios físicos,

[Figura 60]



Figura 60.
Perspectiva dos
canteiros. Fonte:
Autora, 2022.

pois ele é antiderrapante, atérmico, absorvedor de impacto e amortecedor de quedas. A paginação foi composta por dois formatos de placa: 50cmx50cm e 200cmx200cm, sendo o segundo formato um identificador visual do lugar onde o feirante deve instalar a sua barraca.

Em vista da sua ociosidade, o outro canteiro existente foi transformado em quatro zonas distintas: (i) topografia lúdica, (ii) caixa de areia, (iii) fonte seca e (iv) área de descanso. Em cada uma dessas zonas foi proposta uma experiência sensorial distinta, proporcionada pela variedade de modelagens do terreno, de materiais e elementos naturais à disposição do usuário.

Tanto as calçadas, quanto os canteiros foram arborizados a fim de proteger as pessoas de experiências sensoriais adversas, tornar o lugar aprazível e oferecer recursos naturais para a brincadeira. Além disso, ao longo da faixa de serviço das calçadas, foram distribuídos elementos de mobiliário como bancos, lixeiras, postes de iluminação para pedestres e elementos de sinalização.

Apesar dessas propostas provocarem mudanças significativas na praça, é preciso dispor de mais recursos para que o senso de segurança se torne maior dentro da comunidade. Em sua obra seminal, JACOBS (1961) afirma que "A calçada por si só não é nada. É uma abstração. Ela só significa alguma coisa junto com os edifícios e os outros usos limít-

rofes a ela ou a calçadas próximas”, o que também pode ser dito em relação a qualquer outro espaço público, uma vez que esses elementos não podem agir sobre a vida urbana isoladamente. Posto isso, além da requalificação da praça, propõe-se uma maior permeabilidade no espaço e a inserção de novos usos nos arredores da praça.

Atualmente, duas faces da praça são acompanhadas por longos muros com poucas ou nenhuma abertura voltada para o espaço público, sendo um deles o muro da unidade de pronto-atendimento do bairro e, o outro, os fundos do conjunto de edificações existentes. No que diz respeito ao primeiro, propõe-se a sua substituição por gradis que possibilitem a permeabilidade visual entre o equipamento de saúde e o espaço público, assim como já acontece na sua fachada principal. Já em relação ao segundo, durante o processo de observação in loco, foi identificada a existência de terrenos cujos usos não cumprem com uma função social. Logo, propõe-se a apropriação deles pelo poder público, para que, entre outras soluções, seja possível a abertura de uma via pedestrianizada, conectando o interior da quadra à avenida Hildebrando de Vasconcelos e aumentando o leque de percursos a serem percorridos.

Além disso, após a identificação de outros terrenos ociosos nas faces das quadras, recomendou-se um sistema de edificações que aja como um convite para adentrar a praça, e, ao mesmo tempo, atendam a demanda por moradia, acesso a serviços públicos e lazer.

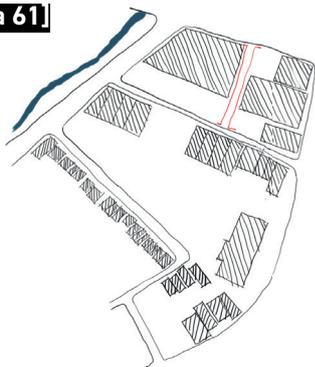
120 Nesse sentido, foram propostos: (i) uma galeria comercial, (ii) um centro comunitário, (iii) um edifício de uso misto e (iv) um restaurante popular.

Entre esses usos, destaca-se o centro comunitário, localizado à leste da praça. O equipamento tem como referência o COMPAZ, mas possui escala similar à sede do Instituto Shopping Recife, um empreendimento social localizado no interior da ZEIS Entra Apulso, que oferece à comunidade uma série de serviços que ampliam o seu acesso à educação, profissionalização, cultura, lazer e esportes.

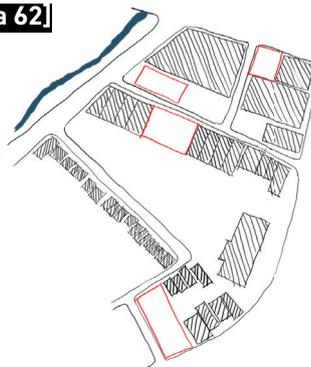
Essa edificação foi concebida em conjunto com as modificações no espaço público a fim de que houvesse uma comunicação entre eles. Logo, alguns dos passeios foram de-

Figura 56. Perfil urbano Fonte: Autora, 2022.

[Figura 61]

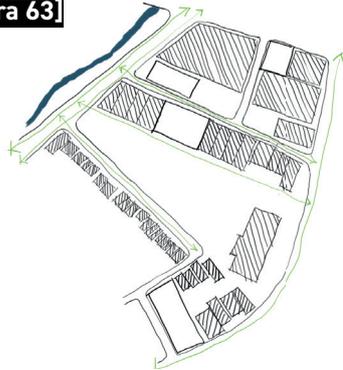
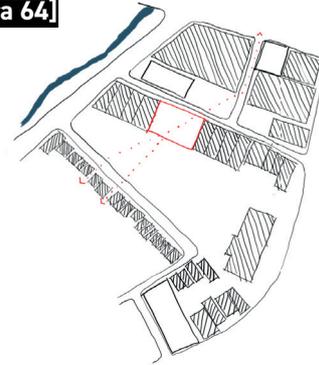


[Figura 62]



senhados de modo que apontassem para a construção. Por sua vez, o pavimento térreo do centro comunitário foi dotado de aberturas generosas que conectam as duas vias que o ladeiam e agem como um convite à passagem, enquanto, no nível superior, foi instalada uma grande varanda que permite a contemplação da praça, dos cursos hídricos e da paisagem de morros que circunda a área.

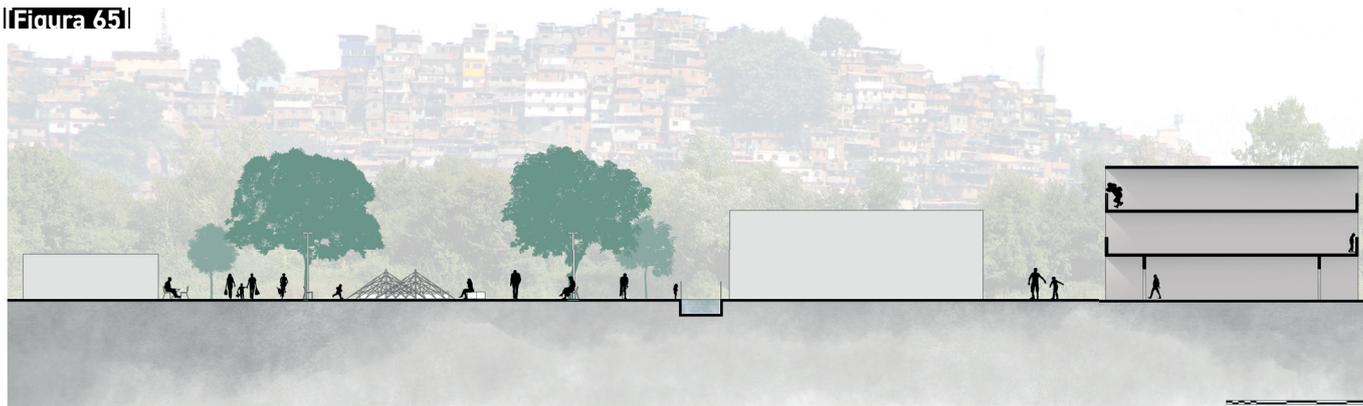
Materialmente, a construção aludiu ao conjunto de edificações do próprio entorno, logo, respeitou o padrão existente de edificações com até dois pavimentos e incorporou à sua composição o tijolo, a madeira e o metal, materiais tão presentes na comunidade. Ao mesmo tempo, tem uma linguagem própria que se aproxima dos princípios modernistas

[Figura 63]**[Figura 64]**

de planta livre e janela em fita.

Além do plano do piso, a superfície dos muros também pode reforçar a experiência urbana. Portanto, propôs-se a instalação de arte urbana nas paredes que se voltam para a praça, no intuito de provê-las de uso lúdico e valer-se delas como instrumentos de sensibilização estética.

Figura 65



4.3 Acompanhar o tempo da natureza

Considerando as postulações acerca da natureza do jogo, que, entre outros aspectos, advogam por experiências lúdicas não estruturadas, foram propostos elementos de mobiliário que fossem um convite à imaginação, em vez de um estímulo à reprodução de uma determinada ação. Dessa forma, foram empregados brinquedos com formas geométricas básicas, dispostos de diversas maneiras, despertando a curiosidade e provocando a ação do jogador.

Outro aspecto importante foi favorecer o contato com a natureza, logo, o mobiliário foi composto, predominantemente, por elementos naturais como madeira e cordas de fibras naturais. Dentro dessa lógica, o emprego de uma grande diversidade de espécies vegetais se mostrou fundamental para o fortalecimento do vínculo com a paisagem local.

Além disso, as plantas também podem ser entendidas como substância dos mundos imaginários. Aquelas fornecem galhos, folhas, flores e frutos, que ampliam as possibilidades de jogo e favorecem experiências sensoriais multidimensionais. Nesse sentido, uma paleta vegetal composta por uma variedade de formatos, tamanhos, cores e texturas também contribuem para uma experiência ainda mais rica.



Figura 66.
Perspectiva dos canteiros. Fonte:
A autora, 2022.

Figura 67. Perfil urbano. Fonte: Autora, 2022.

As espécies arbóreas selecionadas para este exercício da paisagem estão em conformidade com o Manual de Arborização do Recife, logo, a sua escolha considera a largura dos passeios, o livre trânsito de pedestres e a proximidade das edificações existentes. Ademais, foram indicadas, principalmente, espécies nativas de Mata Atlântica a fim de preservar a flora local e reforçar a identidade da região.

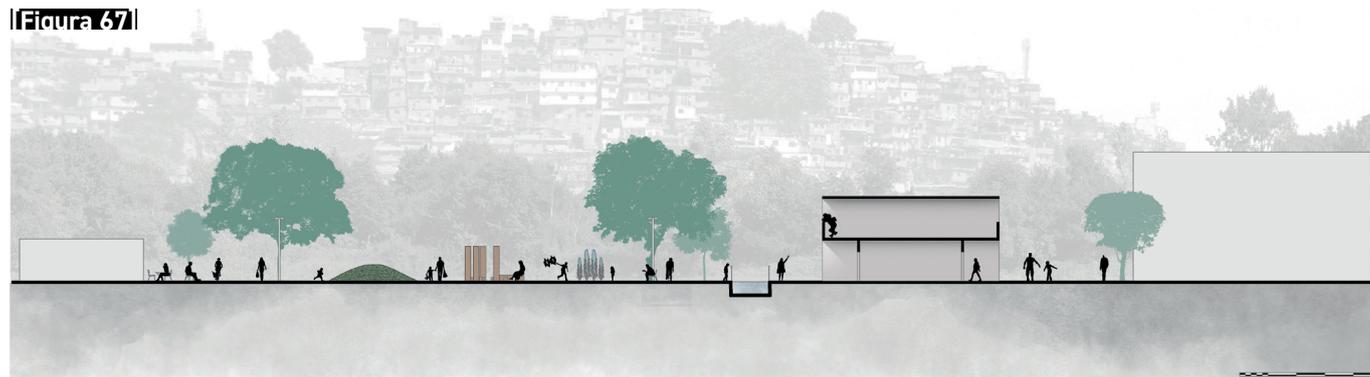
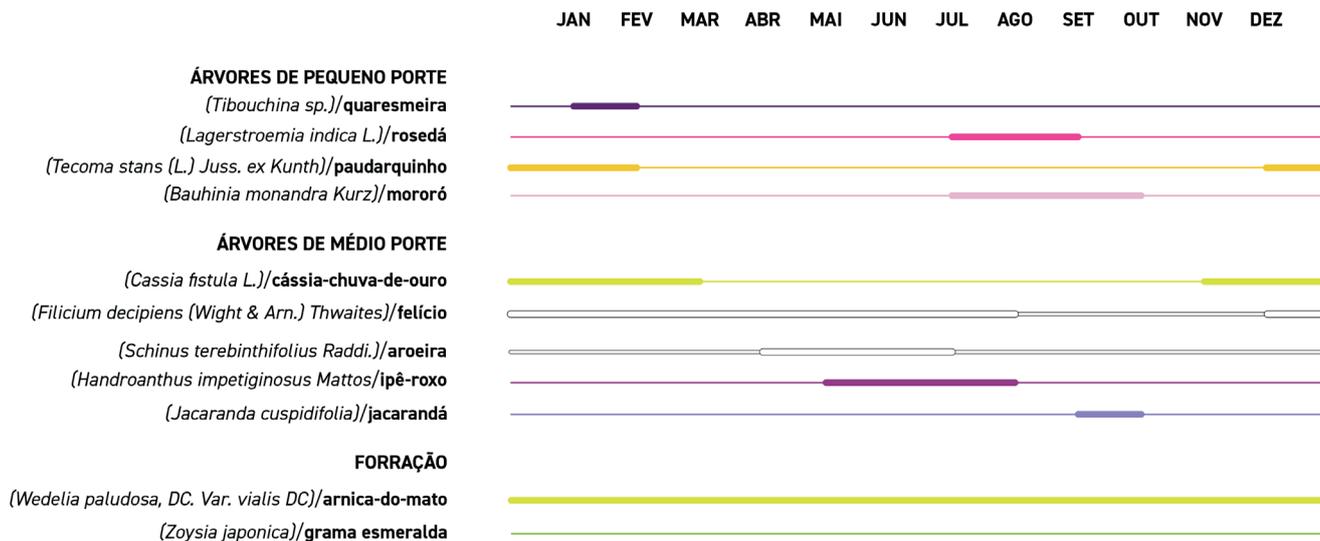


Figura 68. Paleta vegetal. Fonte: Autora, 2022.



Uma paisagem para ser continuada

"If [the cities] are not meant for children, they are not meant for citizens either. If they are not meant for citizens – ourselves – they are not cities." (VAN EYCK, 1962)

127

O exercício de paisagem exposto ao longo das últimas páginas buscou expor como os campos da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo podem reforçar o jogo em espaços públicos localizados em áreas de vulnerabilidade social. Ancorado no princípio de jogo elaborado por Huizinga (1938), aquele evidenciou que o especialista tem o papel de facilitar a brincadeira, o que significa que ele deve elaborar maneiras para que as experimentações lúdicas floresçam livremente de maneira confortável e segura.

O percurso percorrido até atingir o objetivo geral do trabalho também deixou evidente que outras ações precisam ser tomadas para que os direitos das crianças e dos adolescentes sejam efetivados de fato. Algumas das razões pelas quais esses grupos ainda continuam sendo invisibilizados pelo poder público é o desconhecimento da população acerca das suas garantias legais e a sua exclusão nos processos participativos que determinam o seu futuro.

Ao longo deste trabalho, foi revelada a capacidade dos jovens de refletir sobre o meio físico que ocupam e sobre o que anseiam para o amanhã. Ao mesmo tempo, ficou evidente o senso de autodesprezo e impotência desse grupo em relação ao presente. O mesmo pode ser dito a respeito dos adultos. Embora eles tenham subvertido territórios hostis

em espaços férteis para a sua própria subsistência e elaborem formas de prosperidade, o sentimento que se sobressai é de que seus desejos não possuem valor.

Logo, é essencial que políticas públicas urbanas que pautam o porvir dessa população constem de processos participativos que garantam a expressão e o respeito à maneira como ela vê e constrói o território que habita. Além de assegurar a inclusão da sua visão de mundo, esse instrumento tem a capacidade de fazer com que o indivíduo se reconheça como sujeito de direito antes mesmo que algo seja materializado.

Contudo, outro aspecto que ficou claro nesta pesquisa foi o fato das crianças e dos adolescentes terem como objeto de desejo apenas aquilo que já haviam experienciado em outro lugar. Nesse sentido, especialistas e jovens devem se aliar em busca da demanda real do projeto, ou seja, partir para um processo de descoberta profunda das questões que movem aqueles sujeitos a fim de transpor isso para o desenho.

Outro cuidado deve ser em não encerrar o projeto no seu próprio esboço. Em outras palavras, é preciso ceder espaço para que a paisagem possa ser continuada pela própria população. Dentro dessa perspectiva, o vazio é o instrumento projetual que possibilita múltiplas apropriações de um mesmo lugar, como a Praça da Feira do Troca ilustra muito bem.

Uma vez criados, esses espaços precisam ser bem geridos para garantir a sua con-

servação e a sua sustentabilidade. Esse papel não cabe apenas ao poder público, mas também à sociedade, que deve fiscalizar se os direitos das crianças e dos adolescentes estão sendo respeitados, e pleitear por mudanças, conforme novos desejos surgirem.

Resumidamente, este trabalho advoga pelo reconhecimento da carga vital presente na narrativa das crianças que foram postas à margem da sociedade, a fim de que aquela passe a guiar um projeto de futuro que garanta sua prosperidade. A empatia, a generosidade e a inventividade nos relatos dos jovens indicam que a voz da infância pode ser a chave para uma cidade boa para todos.

Referências

ALHEIROS, M. M.; SOUZA, M. . A.; BITOUN, J; MEDEIROS, S. M. G. M.; JÚNIOR, W. M. A. **Manual de Ocupação dos Morros da Região Metropolitana do Recife**. Fundação de Desenvolvimento Municipal FIDEM; coord. Margareth Mascarenhas Alheiros... (et al.). - Recife: Ensol, 2004.

ARRUDA, Marcela. **Arquitetura da liberdade: práticas projetuais urbanas a partir da relação do corpo com o existente**. Archdaily, 2020. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/948981/arquitetura-da-liberdade-praticas-projetuais-urbanas-a-partir-da-relacao-do-corpo-com-o-existente>>. Acesso em 13. de set. 2022.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo, exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

BORTOLUZZI, Camila. Madrid RIO / West 8, Burgos & Garrido, Porras La Casta, Rubio Alvarez Sala. **Archdaily**, 2012. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-60376/madrid-rio-west-8-burgos-e-garrido-porras-la-casta-rubio-alvarez-sala>>. Acesso em 18 mai. 2022..

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil,

Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 10 set. 2022.

BRASIL. Lei 13.257 de 8 de março de 2016. **Marco legal da Primeira Infância**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm>. Acesso em: 10 set. 2022.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. Prefácio de Paola Berenstein Jacques. São Paulo: Editora G. Gilli, 2016.

CARNEIRO, Ana Rita Sá; MESQUITA, Liana de Barros. **Espaços livres do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/UFPE, 2000. 139p.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e seus bairros**. Recife: Câmara Municipal do Recife, 1998.

CAVALCANTI, Murilo (org.). **As lições de Bogotá e Medellín – Do caos à referência mundial**. Recife: INTG, 2013.

CABEZAS, Constanza. Primeiro Lugar no concurso internacional para o Parque do Rio em Medellín. **Archdaily**, 2014. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-165814/primeiro-lugar-no-concurso-internacional-para-o-parque-do-rio-em-medellin>>. Acesso em 18 de mai. 2022.

COMENZÓ arborización del Parque Recreacional Venecia en Temuco. **Soy Chile**, 2014.

Disponível em: <

<https://www.soychile.cl/Temuco/Sociedad/2014/08/20/269290/Comenzo-arborizacion-del-Parque-Recreacional-Venecia-en-Temuco.aspx>>. Acesso em 26 de mai. 2022.

DA SILVA, Debora Souza. **Gestão de risco no brincar**. IPA Brasil, 6 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.ipabrasil.org/post/gest%C3%A3o-de-risco-no-brincar>>. Acesso em 12. set. 2022.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo, Perspectiva, 2013.

GILL, Tim. **No Fear: Growing up in a risk averse society**. Londres: Calouste Gulbenkian Foundation, 2007.

GOBETTI, Grazielle Muniz. **Quando a falta do brincar pode ser um problema**. Centro Evolvere, 5 mar. 2020. Disponível em: <<https://centroevolere.com.br/comportamento/quando-a-falta-do-brincar-pode-ser-um-problema/>>. Acesso em 12 set. 2022.

GONÇALVES, Gisele. **A criança como sujeito de direitos: limites e possibilidades**. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-5_GISELE-GON%C3%87ALVES.pdf>. Acesso em 12 set. 2022.

GRAY, Peter. The Value of Play I: The Definition of Play Gives Insights. **Psychology Today**, 2008. Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/intl/blog/freedom-learn/200811/the-value-play-i-the-definition-play-gives-insights>>. Acesso em 6 de

set. 2022.

GUIZZO, Iazana. **Reativar Territórios: o corpo e o afeto na questão do projeto participativo**. Belo Horizonte: Quintal Edições, 2019.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o Jogo como elemento na cultura** (1938). São Paulo: Perspectiva, 2008.

Instituto da Cidade Pelópidas Silveira. **Projeto centralidades : reestruturação urbana e dinamização econômica de centralidades do Recife**. Recife : ICPS, 2020.

IBGE. IBGE | Censo 2010 | Sinopse por setores. Sinopse por setores, 2010. Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>>. Acesso em 6 abr. 2022.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LABORATÓRIO DE DADOS ABERTOS BRASIL. Cidadão Recifense, [s.d.]. Escolas do Recife. Disponível em: <<http://www.cidadaorecifense.com.br/educacao/escolas?id=1>>. Acesso 06 abr. 2022

LIMA, Ana Gabriela Godinho; LOEB, Rodrigo Mindlin (org.). **Cidade, gênero e infância**. São Paulo: Romano Guerra; São Paulo: Pistache Editorial; São Paulo: Instituto Brasiliana, 2021.

MODELLI, Laís. Como o Brasil falha em proteger suas crianças e adolescentes. **Carta Capital**, 21 set. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/como-o-brasil-falha-em-protoger-suas-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em 12 set. 2022

NACTO - NATIONAL ASSOCIATION OF CITY TRANSPORTATION OFFICIALS. **Designing streets for kids**. Washington: Island Press, 2022.

NACTO - NATIONAL ASSOCIATION OF CITY TRANSPORTATION OFFICIALS. **Guia global de desenho de ruas**. São Paulo: Senac, 2018.

OLIVEIRA, Ana Clara. A importância de deixar as crianças correrem riscos. **Leiturinha**, 8 ago. 2018. Disponível em: <<https://leiturinha.com.br/blog/os-beneficios-das-brincadeiras-com-certos-riscos-para-os-pequenos/>>. Acesso em 12 set. 2022.

OLIVEIRA, Olivia de. **Lina Bo Bardi. Sutis substâncias da arquitetura**. São Paulo, Gustavo Gili, Romano Guerra, 2006.

ONU-Habitat (Programa das Nações Unidas para os Assentamentos). 2020. Nova Agenda Urbana. Disponível em: <<https://habitat3.org/wp-content/uploads/NUA-Portuguese-Brazil.pdf>>. Acesso em 13 set. 2022.

PARQUE Recreativo Venecia / Jaime Alarcón Fuentes. **Archdaily**, 2015. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/767205/parque-recreativo-venecia-jaime-alarcon-fuentes?ad_medium=gallery>. Acesso em 26 mai. 2022.

PREFEITURA DO RECIFE. Prefeitura do Recife, [s.d.]. Linha do Tiro. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/linha-do-tiro?op=NTI4Mg==>>. Acesso em 20 nov. 2021

RECIFE. **Atlas das infraestruturas públicas das comunidades de interesse social do Reci-**

fe. Recife: Prefeitura do Recife, 2016.

RECIFE. **Decreto nº 30.632, de 28 de julho de 2017**. Declara de Utilidade Pública, para fins de desapropriação total, as benfeitorias dos imóveis que especifica. Recife, 2017.

Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/pe/r/recife/decreto/2017/3063/30632/decreto-n-30632-2017-declara-de-utilidade-publica-para-fins-de-desapropriacao-total-as-benfeitorias-dos-imoveis-que-especifica>>. Acesso em 5 abr. 2020

RECIFE. **Lei municipal nº 16.243/96, de 13 de setembro de 1996**. Estabelece a política do meio ambiente da cidade do Recife e consolida a sua legislação ambiental, mediante a instituição do código do meio ambiente e do equilíbrio ecológico da cidade do Recife. Recife, 1996. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/1996/1624/16243/lei-ordinaria-n-16243-1996-estabelece-a-politica-do-meio-ambiente-da-cidade-do-recife-e-consolida-a-sua-legislacao-ambiental-mediante-a-instituicao-do-codigo-do-meio-ambiente-e-do-equilibrio-ecologico-da-cidade-do-recife>>. Acesso em 16 mar. 2020

RECIFE. **Lei municipal nº 16.293/97, de 3 de fevereiro de 1997**. Dispõe sobre as regiões político-administrativas do município do Recife e dá outras providências. Recife, 1997.

Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinar>

ia/1997/1629/16293/lei-ordinaria-n-16293-1997-dispoe-sobre-as-regioes-politico-administrativas-do-municipio-do-recife-e-da-outras-providencias> Acesso 16 mar. 2022.

RECIFE. **Lei municipal nº 16930, de 17 de dezembro de 2003.** Modifica o código do meio ambiente e do equilíbrio ecológico do recife, define os critérios para o estabelecimento da área de preservação permanente no recife e cria o setor de sustentabilidade ambiental. Recife, 2003. Disponível em: <<https://cm-recife.jusbrasil.com.br/legislacao/262239/lei-16930-03>>. Acesso em 19 nov. 2021.

RECIFE. **Lei municipal nº 18.770, de 29 de dezembro de 2020.** Institui o Plano Diretor do Município do Recife, revogando a lei municipal nº 17.511, de 29 de dezembro de 2008. Recife, 2020. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=407224>> Acesso em 16 mar. 2020.

ROLNIK, R. **Exclusão territorial e violência.** São Paulo Perspec., v. 13, n. 4, p. 100-111, 1999. ISSN 0102-8839. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88391999000400011>. Acesso em: 23 set. 2022.

SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

The Social Life of Small Urban Spaces. Direção: William Whyte Jr. Estados Unidos: Direct Cinema Limited, 1980

SUPERKILEN. **Superflex**, 2012. Disponível em: <<https://superflex.net/works/superkilen>>. Acesso em 04 set. 2022

SUPERKILEN. **The Aga Khan Development Network**, 2012. Disponível em: <<https://www.akdn.org/architecture/project/superkilen>>. Acesso 04 set. 2022

UNITED NATIONS. Committee on the Rights of the Child. **General Comment Nº 17: on the right of the child to rest, leisure, play, recreational activities, cultural life and the arts (art. 31)**. Geneva, 2013.

VAN EYCK, Aldo (1962). **The child, the city and the artist: an essay on architecture**. The in-between realm.

VERAS, Lúcia et al. **Cadernos de arquitetura e urbanismo:Cidade-paisagem**. Recife: Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco (CAU/PE); João Pessoa: Patmos Editora, 2017.

WHYTE, William H., Jr. 1917-1999. *The Social Life of Small Urban Spaces*. Washington, D.C. :Conservation Foundation, 1980.

TERRITÓRIO DO BRINCAR. Diálogos do Brincar #1 - 'Um olhar para o brincar', com Renata Meirelles e David Reeks. YouTube, 18 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FNFGaKbDt-8>>. Acesso em 10 set. 2022.

TERRITÓRIO DO BRINCAR. Diálogos do Brincar #2 - 'Criança e natureza', com Gandhy Pior-

ski. YouTube, 31 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L4u8pn-qMkQQ>>. Acesso em 10 set. 2022.

TERRITÓRIO DO BRINCAR. Diálogos do Brincar #3 - 'A voz da criança', com Adriana Friedmann. YouTube, 28 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YuQm-1RPC3WQ>>. Acesso em 10 set. 2022.

TERRITÓRIO DO BRINCAR. Diálogos do Brincar #6 - 'Brincar é reencantar a infância', com Ute Craemer. YouTube, 18 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=spz7OnFGQ3w>>. Acesso em 10 set. 2022.

TERRITÓRIO DO BRINCAR. Diálogos do Brincar #10 - 'Cidades, Criança e Natureza', com Lais Fleury. YouTube, 9 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A4dzkvbmkxE>>. Acesso em 10 set. 2022.

TERRITÓRIO DO BRINCAR. Diálogos do Brincar #12 - 'O direito ao brincar', com Guilherme Perisse. YouTube, 24 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q23ch9FTEXI>>. Acesso em 10 set. 2022.

TERRITÓRIO DO BRINCAR. Diálogos do Brincar #13 - 'O brincar no território urbano', com Beatriz Goulart. YouTube, 5 out. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=athws07a8-c>>. Acesso em 10 set. 2022.

AVALIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DO BAIRRO DA LINHA DO TIRO

Este questionário foi concebido a fim de identificar a percepção espacial dos estudantes das escolas localizadas próximo à Praça da Feira do Troca da Linha do Tiro a respeito dos espaços públicos frequentados pelos mesmos e da Praça da Feira do Troca da Linha do Tiro, localizada nos limites das ruas Márcia Mendes e Uriel de Holanda, e da travessa Márcia Mendes.

SEÇÃO I - Perfil do entrevistado

Seção destinada à construção do perfil do entrevistado

1. Nome da Escola

2. Nome do participante

3. Qual é a sua idade?

4. Qual é o seu gênero?

Marcar apenas uma oval.

Feminino

Masculino

Outro

Prefiro não dizer

5. Qual categoria descreve melhor você?

Marcar apenas uma oval.

Branco

Pardo

Preto

Indígena

Outro

6. Em qual bairro você mora?

SEÇÃO II - Percepção
espacial sobre os espaços
públicos frequentados
pelos estudantes

Seção destinada à identificação dos espaços públicos frequentados pelos estudantes das escolas localizadas próximo à Praça da Feira do Troca, e a maneira como os percebem.

7. Você costuma frequentar algum espaço público durante o seu tempo livre?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

8. Caso negativo, por que você não frequenta nenhum espaço público durante o seu tempo livre?

9. Caso positivo, quais são os espaços públicos que você frequenta?

10. Entre os espaços públicos citados, qual deles você mais frequenta?

11. Com qual frequência você costuma visitar esse espaço público?

Marcar apenas uma oval.

- Uma vez por semana
- Entre duas a quatro vezes por semana
- Entre quatro a seis vezes por semana
- Diariamente
- Outro

12. Em que momento da semana você visita esse espaço público?

Marcar apenas uma oval.

- Dias úteis
- Fins de semana
- Dias úteis e fins de semana

13. Em qual horário você visita esse espaço público?

Marque todas que se aplicam.

- Manhã
- Tarde
- Noite

14. Como você se desloca de casa até esse espaço público?

Marque todas que se aplicam.

- A pé
- Bicicleta
- Transporte público
- Veículo particular
- Outro

15. Você costuma ir acompanhado para esse espaço público?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Às vezes
- Não

16. Quem costuma ir com você para esse espaço público?

Marque todas que se aplicam.

- Parentes
- Amigos de parentes
- Amigos pessoais
- Outro

17. Esse espaço público atende as suas necessidades de lazer, recreação e convívio social?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não possuo opinião a respeito do assunto

18. O que você costuma fazer nesse espaço público?

19. Como você avalia esse espaço público em termos de segurança?

Marcar apenas uma oval.

- Muito inseguro
- Inseguro
- Razoável
- Seguro
- Muito seguro
- Não possuo opinião a respeito do assunto

20. Qual motivo te levou a avaliar esse espaço público dessa maneira?

21. O que você acredita que esse espaço público mais seguro?

22. Como você avalia esse espaço público em termos de conforto?

Marcar apenas uma oval.

- Muito desconfortável
- Desconfortável
- Razoável
- Confortável
- Muito confortável
- Não possuo opinião a respeito do assunto

23. Qual motivo te levou a avaliar esse espaço público dessa maneira?

24. O que você acredita que tornaria esse espaço público mais confortável?

25. Como você avalia esse espaço público em termos de interesse?

Marcar apenas uma oval.

- Muito desinteressante
- Desinteressante
- Razoável
- Interessante
- Muito interessante
- Não possuo opinião a respeito do assunto

26. Qual motivo te levou a avaliar esse espaço público dessa maneira?

27. O que você acredita que tornaria esse espaço público mais interessante?

SEÇÃO III - Percepção
espacial sobre a Praça
da Feira do Troca

Seção destinada à compreensão da maneira como os estudantes das escolas localizadas próximo à Praça da Feira do Troca a percebem espacialmente.

28. Você conhece a Praça da Feira do Troca?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

29. Você costuma frequentar a Praça da Feira do Troca?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

30. Caso negativo, por que você não frequenta a Praça da Feira do Troca?

31. Com qual frequência você costuma visitar a Praça da Feira do Troca?

Marcar apenas uma oval.

Uma vez na semana

Entre duas a três vezes na semana

Entre quatro a seis vezes na semana

Diariamente

Outro

32. Em qual momento da semana você costuma frequentar a Praça da Feira do Troca?

Marque todas que se aplicam.

Dias úteis

Fins de semana

33. Em qual horário do dia você costuma frequentador a Praça da Feira do Troca?

Marque todas que se aplicam.

- Manhã
 Tarde
 Noite

34. Como você se desloca de casa até esse espaço público?

Marcar apenas uma oval.

- A pé
 Bicicleta
 Transporte público
 Veículo particular
 Outro

35. Você costuma ir acompanhado para a Praça da Feira do Troca?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

36. Quem costuma ir com você para a Praça da Feira do Troca?

Marcar apenas uma oval.

- Parentes
 Amigos de parentes
 Amigos pessoais
 Outros

37. A Praça da Feira do Troca atende as suas necessidades de lazer, recreação e convívio social?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não possuo opinião a respeito do assunto

38. O que você costuma fazer na Praça da Feira do Troca?

39. Como você avalia o trajeto de casa até a Praça da Feira do Troca em termos de segurança?

Marcar apenas uma oval.

- Muito inseguro
- Inseguro
- Razoável
- Seguro
- Muito seguro
- Não possuo opinião a respeito do assunto

40. Qual motivo te levou a avaliar o trajeto de casa até a Praça da Feira do Troca dessa maneira?

41. O que você acredita que tornaria o trajeto de casa até a Praça da Feira do Troca mais seguro?

42. Como você avalia o trajeto de casa até a Praça da Feira do Troca em termos de conforto?

Marcar apenas uma oval.

- Muito desconfortável
- Desconfortável
- Razoável
- Confortável
- Muito confortável
- Não possuo opinião a respeito do assunto

43. Qual motivo te levou a avaliar o trajeto de casa até a Praça da Feira do Troca dessa maneira?

44. O que você acredita que tornaria o trajeto de casa até a Praça da Feira do Troca mais confortável?

45. Como você avalia o trajeto de casa até a Praça da Feira do Troca em termos de interesse?

Marcar apenas uma oval.

- Muito desinteressante
- Desinteressante
- Interessante
- Razoável
- Muito interessante
- Não possuo opinião a respeito do assunto

46. Qual motivo te levou a avaliar o trajeto de casa até a Praça da Feira do Troca dessa maneira?

47. O que você acredita que tornaria o trajeto de casa até a Praça da Feira do Troca mais interessante?

48. Como você avalia a Praça da Feira do Troca em termos de segurança?

Marcar apenas uma oval.

- Muito inseguro
- Inseguro
- Razoável
- Seguro
- Muito seguro
- Não possuo opinião a respeito do assunto

49. Qual motivo te levou a avaliar a Praça da Feira do Troca dessa maneira?

50. O que você acredita que tornaria a Praça da Feira do Troca mais segura?

51. Como você avalia a Praça da Feira do Troca em termos de conforto?

Marcar apenas uma oval.

- Muito desconfortável
- Desconfortável
- Razoável
- Confortável
- Muito confortável
- Não possuo opinião a respeito do assunto

52. Qual motivo te levou a avaliar a Praça da Feira do Troca dessa maneira?

53. O que você acredita que tornaria a Praça da Feira do Troca mais confortável?

54. Como você avalia a Praça da Feira do Troca em termos de interesse?

Marcar apenas uma oval.

- Muito desinteressante
- Desinteressante
- Razoável
- Interessante
- Muito interessante
- Não possuo opinião a respeito do assunto

55. Qual motivo te levou a avaliar a Praça da Feira do Troca dessa maneira?

56. O que você acredita que tornaria a Praça da Feira do Troca mais interessante?

57. Qual é a sua opinião a respeito de uma possível requalificação da Praça da Feira do Troca?

58. Quais usos, atividades ou equipamentos você gostaria que fossem incluídos num possível projeto de requalificação da Praça da Feira do Troca?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

AVALIAÇÃO ESPACIAL DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DO BAIRRO DA LINHA DO TIRO

Este questionário foi concebido a fim de identificar a percepção espacial dos moradores do bairro da Linha do Tiro a respeito dos espaços públicos frequentados pelos mesmos e seus filhos, e da Praça da Feira do Troca da Linha do Tiro, localizada nos limites das ruas Márcia Mendes e Uriel de Holanda, e da travessa Márcia Mendes.

SEÇÃO I - Perfil do entrevistado

Seção destinada à construção do perfil do entrevistado

1. Nome do participante

2. Qual é a sua idade?

3. Qual é o seu gênero?

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
- Masculino
- Outro
- Prefiro não dizer

4. Qual categoria descreve melhor você?

Marcar apenas uma oval.

- Branco
- Pardo
- Negro
- Índigena
- Outro

5. Você possui filhos?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

6. Quantos filhos você possui?

Marcar apenas uma oval.

Um filho

Dois filhos

Três filhos

Mais de três filhos

7. Qual é a idade dos seus filhos?

Marque todas que se aplicam.

Menos de 1 ano

1 ano

2 anos

3 anos

4 anos

5 anos

6 anos

7 anos

8 anos

9 anos

10 anos

11 anos

12 anos

13 anos

14 anos

15 anos

16 anos

17 anos

18 anos

8. Qual é o gênero dos seus filhos?

Marque todas que se aplicam.

- Feminino
 Masculino
 Outro
 Prefiro não dizer

9. Qual categoria que descreve melhor os seus filhos?

Marcar apenas uma oval.

- Branco
 Pardo
 Negro
 Índigena
 Outro

10. Em qual bairro você mora?

SEÇÃO II - Percepção espacial dos adultos sobre os espaços públicos frequentados pelos mesmos juntamente aos seus filhos

Seção destinada à identificação dos espaços públicos frequentados pelos adultos do bairro da Linha do Tiro juntamente aos seus filhos, e a maneira como os percebem.

11. Você costuma levar o(s) seu(s) filho(s) para algum espaço público?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

12. Caso negativo, por que você não costuma levar o(s) seu(s) filho(s) para espaços públicos?

13. Caso positivo, para quais espaços públicos você costuma levar o(s) seu(s) filho(s)?

14. Entre os espaços públicos citados, qual espaço público você e o(s) seu(s) filho(s) mais frequentam juntos?

15. Com qual frequência você e seu(s) filho(s) costumam visitar esse espaço público?

Marcar apenas uma oval.

- Uma vez por semana
- Entre duas a quatro vezes por semana
- Entre quatro a seis vezes por semana
- Diariamente
- Outro

16. Em que momento da semana você visita esse espaço público?

Marcar apenas uma oval.

- Dias úteis
- Fins de semana
- Dias úteis e fins de semana

17. Em qual horário você visita esse espaço público?

Marque todas que se aplicam.

- Manhã
- Tarde
- Noite

18. Como você e seu(s) filho(s) se desloca(m) de casa até esse espaço público?

Marque todas que se aplicam.

- A pé
- Bicicleta
- Transporte público
- Veículo particular
- Outro

19. O que você e seu(s) filho(s) costuma(m) fazer nesse espaço público?

20. Esse espaço público atende as suas necessidades de lazer, recreação e convívio social com o(s) seu(s) filho(s)?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não possuo opinião a respeito do assunto

21. Como você avalia esse espaço público em termos de segurança?

Marcar apenas uma oval.

- Muito inseguro
- Inseguro
- Razoável
- Seguro
- Muito seguro
- Não possuo opinião a respeito do assunto

22. Qual motivo te levou a avaliar esse espaço público dessa maneira?

23. O que você acredita que tornaria esse espaço público mais seguro?

24. Como você avalia esse espaço público em termos de conforto?

Marcar apenas uma oval.

- Muito desconfortável
- Desconfortável
- Razoável
- Confortável
- Muito confortável
- Não possuo opinião a respeito do assunto

25. Qual motivo te levou a avaliar esse espaço público dessa maneira?

26. O que você acredita que tornaria esse espaço público mais confortável?

27. Como você avalia esse espaço público em termos de interesse?

Marcar apenas uma oval.

- Muito desinteressante
- Desinteressante
- Razoável
- Interessante
- Muito interessante
- Não possuo opinião a respeito do assunto

28. Qual motivo te levou a avaliar esse espaço público dessa maneira?

29. O que você acredita que tornaria esse espaço público mais interessante?

SEÇÃO III - Identificação do nível de autonomia das crianças e adolescentes para frequentar espaços públicos

Seção destinada à identificação dos espaços públicos frequentados pelas crianças e adolescentes do bairro da Linha do Tiro

30. O(s) seu(s) filho(s) costuma(m) frequentar espaços públicos sem a sua companhia?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

31. Caso negativo, por que o(s) seu(s) filho(s) não costuma(m) frequentar espaços públicos sem a sua companhia?

32. Caso positivo, o(s) seu(s) filho(s) costuma(m) ir acompanhados de outra pessoa?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Às vezes

Não

33. Quem costuma ir com o(s) seu(s) filho(s) até esses espaços públicos?

Marque todas que se aplicam.

Parentes

Amigos de parentes

Amigos do(s) filho(s)

Outros

34. Quais são os espaços públicos que o(s) seu(s) filho(s) frequenta(m)?

35. Entre os espaços públicos citados, qual espaço público ele(s) mais frequenta(m)?

36. Por qual motivo este é o espaço público mais frequentado pelo(s) seu(s) filho(s)?

37. O que o(s) seu(s) filho(s) costuma(m) fazer nesse espaço público?

38. Com qual frequência o(s) seu(s) filho(s) costuma(m) visitar esse espaço público?

Marcar apenas uma oval.

- Uma vez por semana
- Duas a três vezes por semana
- Quatro a seis vezes por semana
- Diariamente
- Outro

39. Em qual momento da semana você visita esse espaço público?

Marque todas que se aplicam.

- Dias úteis
- Fins de semana

40. Em qual momento do dia você visita esse espaço público?

Marque todas que se aplicam.

- Manhã
- Tarde
- Noite

41. Como ele(s) se desloca(m) de casa até esse espaço público?

Marque todas que se aplicam.

- A pé
- Bicicleta
- Transporte público
- Veículo particular
- Outro

SEÇÃO IV - Percepção espacial sobre a Praça da Feira do Troca

Seção destinada à compreensão da maneira como os adultos do bairro da Linha do Tiro percebem a Praça da Feira do Troca espacialmente.

42. Você conhece a Praça da Feira do Troca?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

43. Você costuma levar o(s) seu(s) filho(s) para a Praça da Feira do Troca?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

44. Caso negativo, por que você não costuma levar o(s) seu(s) filho(s) para a Praça da Feira do Troca?

45. Caso positivo, com qual frequência você e o(s) seu(s) filho(s) costuma(m) visitar a Praça da Feira do Troca?

Marcar apenas uma oval.

Uma vez na semana

Entre duas a três vezes na semana

Entre quatro a seis vezes na semana

Diariamente

Outro

46. Em qual momento da semana você visita esse espaço público?

Marque todas que se aplicam.

Dias úteis

Fins de semana

47. Em qual momento do dia você visita esse espaço público?

Marque todas que se aplicam.

Manhã

Tarde

Noite

48. O que você e o(s) seu(s) filho(s) costuma(m) fazer na Praça da Feira do Troca?

49. A Praça da Feira do Troca atende as suas necessidades de lazer, recreação e convívio social com o(s) seu(s) filho(s)?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Não possuo opinião a respeito do assunto

50. Como você e o(s) seu(s) filho(s) se deslocam de casa até a Praça da Feira do Troca?

Marque todas que se aplicam.

- A pé
- Bicicleta
- Transporte público
- Veículo particular
- Outro

51. Como você avalia a Praça da Feira do Troca em termos de segurança?

Marcar apenas uma oval.

- Muito inseguro
- Inseguro
- Razoável
- Seguro
- Muito seguro
- Não possuo opinião a respeito do assunto

52. Qual motivo te levou a avaliar a Praça da Feira do Troca dessa maneira?

53. O que você acredita que tornaria a Praça da Feira do Troca mais segura?

54. Como você avalia a Praça da Feira do Troca em termos de conforto?

Marcar apenas uma oval.

- Muito desconfortável
- Desconfortável
- Razoável
- Confortável
- Muito confortável
- Não possuo opinião a respeito do assunto

55. Qual motivo te levou a avaliar a Praça da Feira do Troca dessa maneira?

56. O que você acredita que tornaria a Praça da Feira do Troca mais confortável?

57. Como você avalia a Praça da Feira do Troca em termos de interesse?

Marcar apenas uma oval.

- Muito desinteressante
- Desinteressante
- Razoável
- Interessante
- Muito interessante
- Não possuo opinião a respeito do assunto

58. Qual motivo te levou a avaliar a Praça da Feira do Troca dessa maneira?

59. Qual é a sua opinião a respeito de uma possível requalificação da Praça da Feira do Troca?

60. Quais usos, atividades ou equipamentos você gostaria que fossem incluídos num possível projeto de requalificação da Praça da Feira do Troca?

SEÇÃO V - Identificação do nível de autonomia das crianças e adolescentes para frequentar a Praça da Feira do Troca

Seção destinada à identificação do nível de autonomia das crianças e adolescentes para frequentar a Praça da Feira do Troca

61. O(s) seu(s) filho(s) costuma(m) frequentar a Praça da Feira do Troca sem a sua companhia?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

62. Caso negativo, por que o(s) seu(s) filho(s) não costuma(m) frequentar a Praça da Feira do Troca sem a sua companhia?

63. Caso positivo, o(s) seu(s) filho(s) costuma(m) ir acompanhados de outra pessoa para a Praça da Feira do Troca?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

64. Quem costuma acompanhar o(s) seu(s) filho(s) até a Praça da Feira do Troca?

Marque todas que se aplicam.

Parentes

Amigos de parentes

Amigos do(s) filho(s)

Outros

65. Com qual frequência o(s) seu(s) filho(s) costuma(m) visitar a Praça da Feira do Troca?

Marcar apenas uma oval.

- Uma vez por semana
- Duas a três vezes por semana
- Quatro a seis vezes por semana
- Diariamente
- Outro

66. Em qual momento da semana você visita esse espaço público?

Marque todas que se aplicam.

- Dias úteis
- Fins de semana

67. Em qual momento do dia você visita esse espaço público?

Marque todas que se aplicam.

- Manhã
- Tarde
- Noite

68. O que o(s) seu(s) filho(s) costuma(m) fazer na Praça da Feira do Troca?

69. Como o(s) seu(s) filho(s) se deslocam de casa até a Praça da Feira do Troca?

Marque todas que se aplicam.

- A pé
 - Bicicleta
 - Transporte público
 - Veículo particular
 - Outro
-

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários



4. USO MIXT

3. CENTRO COMUNITARIO

5. RESTAURANTE POPULAR

3. CENTRO COMERCIAL

1. PIPINHA DA LINHA DO TIRO

PROPOSTA DE PLANO DE DESENVOLVIMENTO URBANO DE SANTA CRUZ DO SUL
MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL
TRABALHO DE CONSERVAÇÃO E QUALIFICAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL
DOUTOR CARLOS DE OLIVEIRA FERREIRA

Projeto: 01
Escala: 1/2500

Legenda:
1. Área de Proteção Patrimonial
2. Área de Interesse Cultural
3. Área de Interesse Histórico e Cultural